



Número 61 | Junho 2023

Cadernos do escritório Pro Monialibus

Roma, Cúria Geral OFM

Comunhão e Comunicação



cTc comunione e comunicazione

Quaderni dell'Ufficio Pro Monialibus
Bollettino di collegamento fra i monasteri francescani in comunione
con l'OFM attraverso l'Ufficio Pro Monialibus

Sede dell'Ufficio Pro Monialibus

Curia Generale OFM, Via Santa Maria Mediatrice, 25 - 00165
ROMA
tel: +39 06 684919
fax: +39 06 68491294
e-mail: moniales@ofm.org

Sede della Segreteria di Redazione:

Monastero Santa Chiara
Via San Niccolò, 5 - 52044 CORTONA (AR) - Italia
tel: +39 0575 630360 / +39 0575 630388
e-mail: cortona@sorelleclarisse.org

REDAZIONE

Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm
Ufficio Pro Monialibus, Roma

Monastero Santa Chiara, Cortona

Hanno collaborato:

Brasile: Monastero Dourados
Francia: Monastero Cormontreuil
Gabon: Monastero Libreville
Germania: Monastero Munster
Inghilterra: Monastero Arundel
Monastero Hollington
Irlanda: Monastero Galway
Italia: Mon. Assisi S. Colette
Monastero Bressanone
Mon. Città della Pieve
Monastero Lecce

Monastero Novaglie
Spagna: Monastero Allariz
USA: Federazione Clarisse di
Maria Immacolata;
Altri: Fr. Paolo Canali, ofm e
Editrice Biblioteca
Francescana (Milano, Italia)
Fr. Marco Guida, ofm (Roma,
Italia)
Fr. Russel Murray, ofm
(USA)
Mary Stronach, ofs (USA)

Índice

Apresentação	4
OFÍCIO PRO MONIALIBUS	7
Carta do Delegado Geral	7
<i>Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm - Roma, Itália</i>	
OUVI POBREZINHAS	11
Reencontro da lauda <i>Ouvi pobrezinhas</i>	11
<i>Irmãs do Mosteiro de Novaglie, Itália</i>	
...Recordando	17
<i>Ir. Maria Flavia Cavazzana, osc - Novaglie, Itália</i>	
Exortação “Ouvi Pobrezinhas, pelo Senhor chamadas” ..	20
<i>Fr. Carlo Paolazzi, ofm</i>	
Fr. Carlo Paolazzi: uma breve apresentação	41
<i>Fr. Marco Guida, ofm - Roma, Itália</i>	
RECEBEMOS	45
Irmãos todos... Irmãs todas! (segunda parte)	45
<i>Ir. Marie de Jésus Lorent, osc – Libreville, Gabão</i>	
60 anos de Forma Sororum	56
<i>As irmãs da redação de Forma sororum</i>	
NOTÍCIAS DO OFÍCIO PRO MONIALIBUS	58
Federação das Clarissas de Maria Imaculada (USA)	58



Apresentação

Com *Comunhão e Comunicação* n. 61, iniciamos o percurso de aprofundamento das *Palavras de exortação* escritas por Francisco à Clara e às irmãs “*Ouvi, pobrezinhas*”. Palavras estas que em 2025 recordaremos os 800 anos de sua composição. Como já escrevemos quando concluimos o cTc 60, “pensamos em dedicar amplo espaço ao *Ouvi pobrezinhas* nos próximos números do nosso Caderno de comunicação”, reservando o primeiro para uma introdução à leitura e aos testemunhos relativos ao encontro do texto por parte das irmãs do Mosteiro de S. Fidenzio Novaglie, guardiãs do manuscrito, que viveram ‘diretamente’ as fases do seu ‘encontro’. As suas palavras nos colocam em contato com as diversas emoções que acompanharam aquele momento.

Amplo espaço é dedicado ao comentário às *Palavras de exortação* de fr. Carlo Paolazzi, ofm, publicado pela Edição Biblioteca Franciscana no volume de título “Francesco per Chiara” (Milão, 1993). O texto, de valor particular, foi dividido em duas partes, sendo que a segunda parte será publicada no próximo número.

O comentário de Paolazzi é seguido por uma scheda bibliográfica preparada para nós por fr. Marco Guida, ofm, que nos fez conhecer o texto e nos ajuda a familiarizar-nos com o Autor. Agradecemos de coração!

O nosso agradecimento vai também a fr. Paolo Canali, ofm e às EBF que nos permitiram publicar o texto de fr. Carlo Paolazzi nestas páginas.

Em seguida, encontrareis a última parte da reflexão que ir. Marie de Jésus do Mosteiro de Libreville, Gabão,



ofereceu relendo a encíclica *Fratelli tutti* numa perspectiva feminina.

Enfim, recordamos os 60 anos da revista *Forma sororum*, editada atualmente pelo Mosteiro de Città della Pieve (Perugia, Itália): percorreremos rapidamente os eventos essenciais que levaram ao seu nascimento e desenvolvimento.

Antes de tudo isto, fr. Fábio Gomes, ofm, Delegado geral Pro Monialibus, nos acompanha para colhermos o movimento do Espírito que nos fala através das *Palavras de exortação* de Francisco de Assis. Valorizemos as suas palavras, neste 'tempo comum' em que somos enviados como testemunhas vivas do Ressuscitado.

Não fechem o Caderno antes de ler também a última página, na qual vos convidamos a enviar a comunicação das Assembleias Federais realizadas no semestre passado, a fim de poder transmiti-las à *Acta Ordinis*. Obrigada pela colaboração!

E lembrem-se que o próximo cTc 62 recolherá testemunhos e/ou breves reflexões sobre os primeiros versos das *Palavras de exortação*: “Ouvi, pobrezinhas pelo Senhor chamadas, que de muitas partes e províncias fostes congregadas”.

Tratase, portanto, de uma questão de vocação e, em particular, de nos encontrarmos vivendo juntas mesmo se viemos de lugares muito diferentes, o que nos coloca importantes desafios evangélicos...

Desde já agradeço a todas as irmãs que desejam enviar uma carta entre o final de agosto de 2023 para compartilhar no cTc 62!

Boa leitura!

As irmãs da redação



PS. Estávamos terminando de escrever esta Apresentação quando recebemos a notícia do falecimento de fr. Dario Pili ofm (2 de junho de 2023), Delegado Geral Pro Monialibus de 1985 a 1991.

Foi ele quem inaugurou a série dos Cadernos de *Comunhão e Comunicação*, que desejava ver a participação ativa das irmãs e favorecer o conhecimento, as relações, o intercâmbio, o confronto entre todas em todo o mundo. A nossa gratidão nunca será suficiente para este irmão apaixonado, criativo, solidamente enraizado no carisma franciscano, um homem do Evangelho.



Fr. Dario Pili, ofm, Delegado Geral Pro Monialibus de 1985 a 1991

Ofício Pro Monialibus

Carta do Delegado Geral

Caríssimas irmãs e caríssimos irmãos,

O Senhor vos dê a Sua paz!

Como anunciado no cTc 60, a partir deste número até o final de 2025 os temas fundamentais da nossa revista serão inspirados nas estrofes das palavras melódicas que Francisco compôs “*para maior consolação das damas pobres do mosteiro de São Damião, sobretudo porque ele sabia que elas estavam tristes devido à sua enfermidade*” (CA 85,1).

Então vos proponho uma reflexão inspirada nas primeiras duas palavras com as quais o texto é geralmente conhecido e chamado, partindo da primeira:

Ouvi!

Trata-se de um verbo muito importante para a tradição judaico-cristã, para a qual a Palavra de Deus anunciada tem uma importância central. Pensemos, por exemplo, no Livro dos Provérbios em que o autor, como um pai sábio, convida os filhos a ouvir o ensinamento da sua sabedoria de vida (cf. Pv 1,8; 4,1,10). Entre outras coisas, é precisamente com o verbo ouvir, sempre conjugado no imperativo, que começa aquela bela oração, recitada pela tradição judaica duas vezes por dia, conhecida precisamente como *Shemà Israel*: “*Ouve, ó Israel: o Senhor é o nosso Deus, o Senhor é um*” (Dt 6,4). E como esquecer o grande Patriarca Bento, que começa a sua Regra com este mesmo verbo: “*Ouve, meu filho, os ensinamentos do mestre e abre docilmente o teu coração*” (RegBen Prologo, 1).

Assim, como sábio mestre e pai amoroso, Francisco convida suas filhas e irmãs de São Damião a cultivar antes de tudo a atitude de escuta, indispensável para acolher aquela sabedoria que ele alcançou e que, no final de seus dias, ele deseja compartilhar com elas.



Ouvi!

Já podemos intuir, portanto, que o "Ouvir" de que fala Francisco não se reduz a uma simples escuta do som das palavras, mas diz respeito a uma atitude de abertura e acolhimento capaz de perceber a profundidade do que se diz, para além das palavras. É uma atitude que, segundo o Apóstolo, representa a condição indispensável para o início da fé cristã, porque *"a fé nasce do ouvir"* (Rm 10,17) e, conseqüentemente, para a sua conservação e amadurecimento.

É por isso que o Papa Francisco, desde o início do Sínodo sobre a Sinodalidade, momento eclesial em que o Espírito Santo é o protagonista por excelência, tem insistido na importância de todos nós escutarmos, como o fez, por exemplo, na homilia da Missa de abertura do Sínodo com estas palavras: *"Fazer Sínodo é colocar-se no mesmo caminho do Verbo feito homem: é seguir as suas pegadas, escutando a sua Palavra juntamente com as palavras dos outros. É descobrir, maravilhados, que o Espírito Santo sopra de modo sempre surpreendente para sugerir percursos e linguagens novos. Aprender a ouvir-nos uns aos outros – bispos, padres, religiosos e leigos; todos, todos os batizados – é um exercício lento, talvez cansativo, evitando respostas artificiais e superficiais, respostas pré-fabricadas... essas não! O Espírito pede para nos colocarmos à escuta das perguntas, preocupações, esperanças de cada Igreja, de cada povo e nação; e também à escuta do mundo, dos desafios e das mudanças que o mesmo nos coloca. Não insonorizemos o coração, não nos blindemos nas nossas certezas. Muitas vezes as certezas fecham-nos em nós mesmos. Escutemo-nos"*.

Assim, creio que esta atitude de escuta é fundamental também para a Ordem de Santa Clara que, desde o início do processo de revisão das Constituições Gerais, vive uma profunda experiência sinodal. Com efeito, ao longo deste caminho, todos somos permanentemente convidados a escutar-nos uns aos outros com generosidade e paciência, para escutarmos cada vez melhor, juntos, o que o Senhor diz hoje à Ordem.



Mas o título do poema de Francisco não termina com o verbo escutar. Ao lado dele, o *Pobrezinho* coloca as primeiras destinatárias de seu convite, ou seja, Clara e suas Irmãs de São Damião, a quem chama precisamente:

Pobrezinhas!

Acredito que Clara gostou muito desta denominação, porque é precisamente como "*Mãe Pobrezinha*" que ela se autodefine numa das Cartas que escreveu à sua grande discípula, Inês de Praga (cf. 4LAg 33), identificando-se assim com Maria, a "*Mãe Pobrezinha*" que "*reclinou no presépio o Cristo pobre*" (cf. LCIa IX,7).

Portanto, esta expressão, "*Pobrezinhas*", mais do que uma forma afetuosa de Francisco se dirigir a Clara e a todas as Irmãs, contém em si o que, para ele, que também se chamava *Pobrezinho*, consistia na essência da identidade das "*Pobres Senhoras de São Damião*", isto é: "*observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedades e em castidade*" (RsC 1,2), "*seguindo a pobreza e a humildade de seu amado Filho e de sua gloriosa virgem Mãe*" (TestC 46).

De fato, "*Pobrezinhas*" "*é uma expressão capaz de resumir admiravelmente um estilo de vida, uma maneira de estar diante de Deus e na Igreja*". Além disso, a meu ver, é uma expressão que pode ser bem compreendida se colocada em estreita relação com o verbo escutar, como fez Francisco, estabelecendo assim um círculo virtuoso entre ouvir e ser pobre, entre pobreza e escuta:

Ouvi, Pobrezinhas!

Com efeito, podemos dizer que as Irmãs de São Damião são verdadeiramente *Pobrezinhas* porque inclinam constantemente o ouvido do próprio coração para obedecer à voz do Filho de Deus (cfr. LOrd 5-6). E, por outro lado, quanto mais pobres forem, não se apropriando de nada, nem mesmo de si mesmas, tanto mais capazes se tornam de escutar e discernir a voz da vontade de Deus em todas as circunstâncias.



O mesmo certamente vale também para nós hoje, porque se, por um lado, quanto mais escutamos o Senhor, mais verdadeiramente nos tornamos pobres porque nos purificamos de toda forma de egoísmo e autorreferencialidade; por outro, quanto mais pobres evangelicamente nos tornarmos, mais profundamente poderemos perceber e acolher a presença do Reino de Deus em nós e entre nós.

Ouvi, Pobrezinhas!

Que o processo sinodal no qual está envolvida toda a Igreja e, nela, a Ordem de Santa Clara, nos ajude a todos, com um coração de pobre, a nos escutarmos verdadeiramente uns aos outros e, juntos, a voz do Espírito, para que, dóceis à sua voz, possamos cada vez mais compreender e encarnar na nossa história de hoje o essencial da nossa identidade franciscana e clariana, que será sempre a de "Pobrezinhas" e "Pobrezinhos", isto é, de mulheres e homens para quem o Senhor Deus é "toda nossa riqueza até à saciedade." (LAlt 5).

Um fraterno abraço!

*Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm
Delegato generale Pro Monialibus*

¹Cf. Discurso do Santo Padre, Momento de Reflexão para o Início do Processo Sinodal, 9 de outubro 2021: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodale.html>

²Homilia do Santo Padre Francisco, 10 de outubro 2021: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/20211010-omelia-sinodo-vescovi.html>

³Fonti Clariane, editado por Giovanni Boccali, Ed. Porziuncola, 2013, p. 1014.

Ouvi Pobrezinhas

Reencontro da lauda *Ouvi Pobrezinhas*

Era 11 de setembro de 1976 quando irmã Chiara Augusta Lainati pediu explicitamente por escrito à nossa Madre Abadessa, Irmã M. Antonietta Savoia, autorização para consultar os códigos mencionados no texto da CCGG da Ordem de Santa Clara de 1941 (cfr. Regras Gerais e Constituições das monjas da Ordem de Santa Clara, Roma, Cúria Geral dos Frades Menor, pg XXII e XXIII). Solicitou também o grande favor de poder entregá-los ao Pe. Giovanni Boccali para que pudesse estudá-los. Apresentou o padre como "frade menor, excelente conhecedor e estudioso da Sagrada Escritura", na época "mestre de noviços de toda a Itália em São Damião e em contato com os Frades de Vicenza para publicações sobre a espiritualidade franciscana".

Irmã Chiara Augusta os pediu "emprestado e por pouco tempo, assegurando-lhes que seriam muito bem guardados, e estariam em boas mãos". Ela mesma afirmou que "tinha um respeito religioso" por tais textos, porque conhecia o valor dos manuscritos: sua "profissão, antes de entrar no Mosteiro, era de fato ler textos antigos" (carta à Madre de 11 de setembro de 1976).

No dia 5 de outubro seguinte, Pe. Boccali veio ao nosso Mosteiro respondendo ao pedido da nossa Irmã. Madre M. Antonietta, após a apresentação e alguns esclarecimentos, entregou dois códigos, um do século XIII em pergaminho e outro do século XVI em papel. Eles, juntamente com outros documentos e pergaminhos preciosos, foram cuidadosamente guardados no arquivo do Mosteiro. Por parte do Pe. Boccali, a custódia cuidadosa dos manuscritos



foi assegurada com o compromisso de trazê-los de volta pessoalmente em um curto espaço de tempo. De fato, os códigos permaneceram em Assis, nas mãos de padre Boccali, por mais de um ano!

Em memória daquele acontecimento singular e inesperado, relatamos o quanto o Pe. Boccali escreveu no primeiro artigo oficial, comentando o louvor *Ouvi Pobrezinhas*, publicada na edição n. 2 da *Forma Sororum* de 1977: "Este artigo é o resultado de várias circunstâncias. Na primavera de 1976, Madre Chiara Letizia Marvaldi (do Mosteiro de Santa Chiara em Assis), presidente das Clarissas da Federação da Úmbria, me indicou algumas palavras de exortação de São Francisco às damas pobres, palavras citadas pelo Pe. Leonardo M. Bello de alguns códigos de Verona, na introdução ao livro *Regras Gerais e Constituições da Ordem de Santa Clara*, Roma 1941, pg. XXIII. Para dizer a verdade, eu não os conhecia, nem lhes dava muita atenção, embora estivesse preparando os escritos de São Francisco e Santa Clara para impressão. Da mesma forma, ao ler a *Compilação de Assis ou Legenda Perusina* (n. 85-45), não notei sua semelhança com as palavras da antiga *Legenda*. Somente em agosto de 1976 a Mestra e as noviças do Protomosteiro de Santa Clara de Assis me apontaram essa semelhança. No dia 5 de outubro seguinte, quis ir a Novaglie, perto de Verona, ao mosteiro das irmãs clarissas *Mater Ecclesiae*, para ver os códigos indicados pelo CCGG de 1941. Madre Antonietta Savoia, abadessa daquele mosteiro, me permitiu levá-los comigo, para que pudesse estudá-los mais facilmente. Meu interesse foi crescendo, pois ao mesmo tempo trabalhava no volume as *Fontes Franciscanas*, dirigido pelo Frei Feliciano Olgiati de Milão, do qual me foi atribuída a parte dos Índices gerais".

O interesse despertado após a publicação do comentário de Frei Boccali e o inserimento no volume das *Fontes Franciscanas* (mesmo que apenas na introdução às *Fontes Clarianas*) chamou a atenção imediatamente, de fato, houve



outros pedidos de estudiosos para poder ver e estudar os códigos. Porém, avisados por pessoas competentes, não “emprestamos” mais os códigos. Nos anos seguintes, alguém os consultou in loco e houve outras publicações comentando o Ouvi Pobrezinhas. Houve também quem musicou o texto, entre os quais Frei Terenzio Zardini, ofm, do convento de São Bernardino em Verona. No entanto, as partituras que nos foram propostas não tiveram muito sucesso. Atualmente usamos o texto (palavras não originais) e música de G. Tromba (Cfr. *Note di Luce, canti a Chiara D'Assisi*, Albano Laziale, Rm).

Mais tarde uma irmã nossa, muito boa em pintura, executou nos anos 80, as duas miniaturas contidas no código: a primeira, São Francisco de pé entregando o livro da Regra a Santa Clara ajoelhada e a outra, São Francisco em pé com a mão direita levantada colocada ao lado das palavras do louvor *Ouvi Pobrezinhas*. Estas duas pinturas de 100x67 cm são visíveis na sala da nossa Capela-Capitular. As mesmas miniaturas, com o texto do Louvor, pudemos reproduzir impressas para cartões e santinhos em diversas ocasiões comunitárias. Mantemos também um registro no qual recolhemos as assinaturas de visitantes “ilustres” que têm oportunidade de ver o código em reuniões ou ocasiões especiais. Até hoje falta a assinatura de um Papa, mas há tempo para isso acontecer...

Reverberações da re-descoberta

Os pedidos de consultas que nos foram feitos em 1976 nos surpreendeu e nos animou, mas ao mesmo tempo não despertou interesse suficiente para focar nossa atenção a um nível comunitário. Isto talvez por razões históricas relacionadas com os acontecimentos dos dois mosteiros veroneses: S. Maria delle Vergini em Campo Marzio, construído em 1226 e Santa Chiara em San Giovanni in Valle, construído em 1424. Ambos desapareceram com a supressão napoleônica e, apesar das tentativas, as irmãs



não puderam reabrir seus tão amados claustros. A última abadessa de S. Maria delle Vergini, irmã Rosa Margherita Pizzini, junto com 19 irmãs, teve que deixar o mosteiro em 1810. Em vez de voltar para sua família, onde seria acolhida com amor, ela se retirou para uma casa não muito longe do mosteiro para sustentar suas irmãs e tentar recuperar os móveis roubados pelos soldados franceses. É à sua prontidão e prudência que devemos a salvação das coisas mais preciosas. Antes da dispersão, como notam alguns biógrafos, providenciou que se colocasse em segurança parte dos móveis e preciosidades do Mosteiro, entregando-os a sacerdotes de confiança e à sua família, aguardando novos acontecimentos. Rosa Pizzini nasceu em Ala de Trento em 21 de março de 1742. Ela terminou sua vida terrena em 1º de dezembro de 1820 e foi sepultada no cemitério adjacente ao convento de São Bernardino em Verona.

O segundo mosteiro dedicado a Santa Clara está ligado à reforma e a São Bernardino de Sena, também este permaneceu florescente até sua supressão. Quatro das irmãs expulsas conseguiram ocupar uma pequena parte do Mosteiro, vivendo juntas até ao fim dos seus dias. A última morreu em 1857.

Mas “como a água dos riachos que desaparece entre as falésias para reaparecer rio abaixo e recomeçar a vida”, assim foi o caso dos nossos Mosteiros. De fato, em 19 de outubro de 1845, Irmã M. Cherubina Cavalieri com 47 irmãs, depois de várias vicissitudes, conseguiu não só reabrir o antigo Mosteiro de Santa Maria delle Vergini, mas também professar a Regra de Santa Clara de Urbano IV diante do Bispo Aurelio Mutti. Esse grande grupo de jovens, podemos dizer, surgiu do nada.

A senhora Anna Brunetti, já desde as primeiras décadas do século XIX, reunia em sua casa para fins educativos jovens inclinadas à oração e à vida religiosa. Quando Anna faleceu, assumiu a tarefa educacional sua jovem cunhada Teresa Cavalieri, que mais tarde seria Madre Cherubina. No



dia da solene reabertura, recebeu do Bispo o véu negro que pertenceu à Madre Abadessa Rosa Margherita Pizzini. Este fato é muito surpreendente porque Pizzini tinha falecido em 1820 e a compra do Mosteiro começou em 1835: o mesmo "estava reduzido a um estado de desolado abandono". Enquanto as crônicas atribuem à Madre Pizzini o salvamento de parte dos móveis e utensílios sagrados, não há menção aos livros ou mesmo aos códigos e pergaminhos, apesar da menção de um bibliotecário que trabalhava para a biblioteca monástica. Mesmo nosso arquivo não possui notícias a esse respeito.

Surge, porém um verdadeiro milagre! Certamente os códigos contendo o "Louvor" foram entregues a alguém para serem guardados e esta pessoa, no momento certo, teve o cuidado de entregá-los aos seus legítimos proprietários. As crônicas não nos permitem conhecer as pessoas diretamente envolvidas, exceto um certo "conselheiro" Giuseppe Buffoni (cf. S.M. Arrighi in "Nota histórica de Santa Maria delle Vergini" 1851, página 70).

Entre 1899 e 1900, a comunidade de S. Maria delle Vergini mudou-se para o Mosteiro de Santa Clara, onde em 1860, a pedido do Bispo, 12 irmãs se mudaram, iniciando a adoração perpétua. Sacerdotes diocesanos e outros religiosos cuidaram da formação espiritual e religiosa das irmãs. Mesmo escolhendo a espiritualidade franciscana e professando a Regra de Santa Clara, a presença dos Frades Menores Observantes é registrada apenas ocasionalmente ou temporariamente. O compromisso da adoração eucarística perpétua marcou de maneira singular o rosto da comunidade, deixando na sombra o aspecto carismático da Ordem.

Porém, no Capítulo de 5 de maio de 1942, durante o governo de Madre M. Giuseppina Chiantore, seguindo a carta enviada pelo Ministro geral, fr. Leonardo M. Bello, a Comunidade manifesta-se unanimemente a favor da transição para a primeira *Regra* de Santa Clara. Nesse mesmo ano, no dia 16 de setembro, o Ministro geral visitou



as Irmãs, parabenizando-as pelo passo dado. No entanto, o rescrito da Congregação para os Religiosos será entregue pelo Bispo em 30 de agosto de 1944.

No entanto, é necessário esperar os anos após o Concílio - após a transferência das Irmãs da cidade para Novaglie, na colina de San Fidenzio, para ter uma presença regular dos Franciscanos na formação litúrgica, carismática, teológica e espiritual.

Quanto ao Louvor *Ouvi Pobrezinhas*, também este teve que esperar um bom tempo antes de prestarmos atenção a ele. Nos anos 2006-2007, nos encontrávamos trabalhando intensamente na elaboração de um projeto de vida comunitária e para esse evento tomamos como guia o *Ouvi Pobrezinhas*, em particular as palavras iniciais, pilares da vida espiritual: *ouvir* - escuta / *Pobrezinhas* – kenose. Uma obra que nos levou a saciar nossa sede nas fontes de toda forma de seguimento cristão.

Com o Capítulo Eletivo de 2021, a nova Madre, começando a concretizar o programa capitular, colocou diante de nossos olhos - ainda que visivelmente - o espelho do Louvor para que refletindo nele, o rosto de nossa mãe Santa Clara pudesse emergir com mais clareza, de acordo com a exortação de nosso pai São Francisco.

Precisamente nesta época, um jovem irmão, frei Christian Vallarsa, ofm, compartilhou conosco seu exercício escrito para o bacharelado intitulado: “O acompanhamento espiritual de São Francisco na carta a frei Leão e no *Ouvi Pobrezinhas*” no Instituto Teológico Santo Zeno.

São Francisco, mais de oito séculos depois da sua morte, está mais vivo e fecundo do que nunca, continuando a alimentar a vida dos seus irmãos e irmãs com as suas palavras “saborosas”, impregnadas do Evangelho e da seiva que nunca faltará, porque extraídas da vida divina.

*Irmãs do Mosteiro de S.M. Mater Ecclesiae
Novaglie, Itália*



Recordando...

Foi uma providência que na manhã de 5 de outubro de 1976 eu estava presente na reunião do Frei Giovanni Boccali com nossa Madre Abbadessa irmã M. Antoinetta Savoia. Frei Boccali veio de Assis para recolher dois preciosos códigos que estavam em nossa posse, graças à notificação feita pelas noviças do Protomosteiro, atraídos pela citação feita pelo Ministro geral da época, Frei Leonardo M. Bello, na edição de 1941 das nossas CCGG.

Passados quase 50 anos, considero-me afortunada por ter presenciado este acontecimento. Foi no ano comemorativo (750 anos) da morte de nosso Pai São Francisco, contendo tantas iniciativas. Uma irmã da nossa comunidade foi Presidente da Federação Veneto-Emilia-Romagna. Muitas vezes colaborei com ela escrevendo e enviando artigos ou cartas por causa das comemorações.

A publicação das Fontes Franciscanas em um único volume era muito esperada. Lembro que muitas vezes para citações de São Francisco eu tinha que pesquisar em vários textos o quanto eu quisesse e não era tão fácil. Nem sempre encontrava... Quando tive nas mãos o grosso volume das Fontes (aliás, na primeira edição eram dois volumes), parecia que estava sonhando! Um volume todo para mim, para ler, consultar e amar saber mais sobre nosso pai São Francisco e nossa mãe Santa Clara.

São Francisco, um santo que me deixou um tanto perplexa quando, ainda criança, nos livros escolares, vi sua figura falando com o lobo ou com os pássaros. Geralmente três dias após o início das aulas (estritamente fixado em 1º de outubro), ficávamos em casa para a festa do dia - 4 de outubro - e invariavelmente havia um poema para memorizar, sobre ele.



Com o passar dos anos meu olhar e minha atenção mudaram, poucos anos depois, quando realmente comecei a conhecê-lo e aos poucos ele se revelou verdadeiramente a mim como um pai, um pai que revela o sentido da vida, amparando-nos no caminho, às vezes áspero e nebuloso. Um pai que abala e ajuda a superar obstáculos, restaurando a confiança em si e nos outros, mesmo quando temos todos os motivos para não acreditar.

A sua paternidade, adquirida depois de ter sido entregue ao Pai Celestial que lhe revelou os seus segredos, como uma antífona na sua liturgia, faz-nos meditar: Deus fez-me esquecer da casa do meu pai e fez-me fecundo na terra da minha aflição (I antífona Ofício das leituras).

E qual não foi a alegria de ver o texto do nosso Louvor *Ouvi, Pobrezinhas* incluído na introdução das *Fontes Clarianas*! Embora ainda em estudo, foi considerado um autêntico escrito de São Francisco porque os versos ritmados correspondiam exatamente ao conteúdo descrito no *Espelho da Perfeição* nº 90 e na *Legenda Perusina* no nº 45. Foi e é uma grande alegria porque é um exemplar único no mundo (como é até hoje). Alegria e grande presente para as Irmãs de toda a Ordem e para toda a família franciscana.

Entre tantos Mosteiros e Irmãs fomos as guardiãs sortudas, sem mérito algum.

Ainda hoje, é surpreendente que os códigos tenham se salvado das águas da repressão, emergindo da tempestade napoleônica que devastou e ocupou nossos dois antigos mosteiros. Na verdade, ambos se tornaram em parte quartéis e hospital militar, a outra parte usada como fábrica de nitro e armazenamento de grãos.

Quanto à influência na vida da Comunidade, não foi imediata e óbvia, como resulta do outro artigo. Isso não quer dizer que o *Ouvi, Pobrezinhas* não seja uma pérola que brilha por si só e tem influenciado a vida e as escolhas das irmãs. Pessoalmente, sempre me impressionaram



alguns adjetivos típicos usados por São Francisco, que lembram o Cântico das Criaturas e seus outros escritos. Os adjetivos que Francisco usa são inconfundíveis: em relação a Deus ele sempre usa superlativos absolutos que parecem nunca ser suficientes (altíssimo, santíssimo, onipotente). Em relação a si mesmo usa termos igualmente absolutos, mas de baixaza (verme vilíssimo e seu servo inútil), mas também de ternura e compaixão com adjetivos diminutivos ou cativantes, por exemplo “Francisco pequeno” ou “concede a mim tua ovelhinha”. Dirigindo-se às Irmãs, chamando-as de “minhas senhoras” e “senhoras pobres”, quase no fim de sua vida, ele usa o apelido carinhoso de “pobrezinhas”.

Nos momentos de aspereza, de dureza - próprios ou alheios - que se pode vivenciar, Francisco é modelo e exemplo de doçura, de acolhida, de ternura, atitudes que ajudam a recuperar o fôlego, a quebrar as correntes que nos prendem. O testamento espiritual que Francisco escreveu para nós resume em poucos versos (também a poesia, o canto e a música são um acréscimo!) um programa de vida. Mas nem mesmo uma vida longa é suficiente para esgotar sua profundidade.

Depois de tantos anos, ainda me deixo levar, como que por uma asa poderosa, por aquele *Ouvi Pobrezinhas* que permite a mim e a nós viver e morrer na verdade do Evangelho, no abandono à Providência e no acolhimento, ora enfermidade, ora cansaço, pão cotidiano da existência humana, mas com a certeza da coroa que nos espera.

E assim seja pelos méritos de Maria, a “pobre” Mãe de Deus, de São Francisco, de Santa Clara e de todos os santos de Deus!

Ir. Maria Flavia Cavazzana, osc - Novaglie, Itália



Exortação «Ouvi Pobrezinhas pelo Senhor chamadas»

Fr. Carlo Paolazzi, ofm

Quem entra na pequena igreja de São Damião, situada entre as oliveiras na encosta sudeste da cidade de Assis, sente-se transportado no tempo, longe das multidões e da magnificência artística de outros lugares de Assis, e dentro de paredes enegrecidas que buscam no alto reescutar o eco misterioso de uma voz antiga e sempre nova, aquela que falou ao coração de Francisco nos dias cruciais de sua conversão, aquela que confortou Clara e as primeiras irmãs ao longo de todo o arco de seu itinerário contemplativo nos mistérios do Reino.

Os fios que ligam a experiência religiosa de Francisco de Assis a São Damião e ao movimento evangélico nascido com ele são muitos, e ao desvendá-los sempre há alguma surpresa. Refazendo as histórias das biografias, descobrimos de fato que, devido a um singular movimento contrário da graça, São Damião foi o primeiro refúgio do recém-convertido Francisco, o último e definitivo lugar de pouso de Clara e suas “pobres senhoras”. Assim conta a *Legenda dos três companheiros* que Francisco, depois do encontro com os leprosos e das palavras do Crucifixo, confidenciou ao pobre sacerdote de São Damião e quis que ele aceitasse uma grande quantia em dinheiro, “esforçando-se para dar credibilidade a sua história e implorando ao padre para deixá-lo viver com ele. Por fim cedeu ao segundo pedido, mas, por medo dos familiares do jovem, não aceitou o dinheiro”¹. A perseguição sofrida nas mãos de Pedro Bernardone, culminando no processo perante o bispo Guido, afastou temporariamente Francisco, que, entretanto voltou ao seu primeiro refúgio com a intenção de



restaurar a igreja arruinada: e dali, “voltando à cidade, começou a atravessar praças e ruas, louvando ao Senhor com a alma embriagada. Assim que as homenagens terminaram, ele trabalhou arduamente para obter as pedras necessárias para a restauração da igreja. Ele dizia: ‘Quem me der uma pedra terá uma recompensa; quem me der duas pedras, duas recompensas; quem me der três, tantas recompensas!’”².

É neste ponto que a surpreendente história das “pobres senhoras” de São Damiano se ramifica do duplo fio entrelaçado da conversão de Francisco e do seu louvor ininterrupto ao Senhor. Clara conta em seu *Testamento* que, depois de sua conversão e saída do mundo, ela e suas primeiras companheiras «por vontade do Senhor e do nosso beatíssimo pai Francisco, viemos morar ao lado da igreja de São Damiano. Aqui, em pouco tempo, o Senhor, por sua misericórdia e graça, nos multiplicou grandemente, para que se cumprisse o que ele mesmo havia predito pela boca de seu santo»³. A predição de Francisco, como prova da importância que Clara lhe atribui, é inclusive o primeiro fato relatado em seu *Testamento*: «De fato, quando o próprio santo ainda não tinha irmãos nem companheiros, quase imediatamente após sua conversão, enquanto construía a igreja de São Damiano, onde plenamente visitado pela consolação divina foi levado a abandonar o mundo inteiro, inundado de grande alegria e pela iluminação do Espírito Santo profetizou de nós o que o Senhor depois cumpriu. Com efeito, subindo ao muro da referida igreja, ele disse em voz alta e em francês a alguns pobres que se encontravam nas proximidades: “Venham ajudar-me na obra do mosteiro de São Damiano, porque nele ainda haverão de morar umas mulheres, por cuja fama e santidade de vida será glorificado o nosso Pai celeste em toda a sua santa Igreja”»⁴.

A menção de uma misteriosa previsão profética também se encontra na *Segunda Vida* de Celano, onde em relação a São Damiano se observa que «como o



Espírito Santo havia predito uma vez, uma Ordem de virgens santas deveria surgir ali, a qual, como bloco polido de pedras vivas, um dia deveria ser dilatada para a restauração da casa celeste»⁵, e a confirmação da informação sugere que no pensamento de Francisco a história ligada à permanência de Clara no mosteiro de San Paolo delle Abbadesse e em S. Angelo in Panzo foi talvez mais complexo do que as razões dadas no estudo anterior podem explicar⁶. Depois do breve parêntese sobre a profecia de Francisco, é hora, portanto, de voltar à citação do *Testamento* de Clara no ponto onde ficou suspensa: «Na verdade, antes tínhamos vivido em outro lugar, ainda que por pouco tempo. Mais tarde escreveu para nós uma forma de vida e principalmente que perseveremos sempre na santa pobreza. Ele também não se contentou em exortar-nos com muitos sermões e exemplos a amar e observar a santíssima pobreza, mas nos transmitiu vários escritos [*plura scripta*], para que, depois de sua morte, não nos desviássemos dela de forma alguma, assim como o Filho de Deus, enquanto viveu no mundo, nunca quis distanciar-se da mesma santa pobreza»⁷.

Além das respectivas estadias na igreja da zona rural de Assis, a reconstrução do edifício material por Francisco e a edificação - primeiro anunciada e depois realizada - da Igreja universal, por Clara e as “pobres senhoras”, os dois iniciadores históricos do movimento dos penitentes evangélicos de Assis estão, portanto, ligados a São Damião também pela mediação de «vários escritos», dos quais até poucos anos atrás conhecíamos apenas as duas breves exortações intituladas *Forma de vida* e *Última vontade*, já mencionadas no decorrer da reflexão sobre o “feminino” nos escritos de Francisco. Mas a pesquisa realizada para a recorrência dos 750 anos da morte de Francisco (1976) trouxe definitivamente do esquecimento secular um terceiro texto de Francisco às damianitas, a exortação em



vernáculo *Ouvi, pobrezinhas, pelo Senhor chamadas*, para a qual a última redescoberta - não sem implicações interessantes e até curiosas - contribuiu em igual medida no cuidado de alguns frades menores e o olhar atento e amoroso das filhas de Santa Clara⁸. Antes de passar à leitura do texto, não será de todo inútil repassar brevemente a história de seu nascimento.

Algumas fontes biográficas antigas (a muito citada *Legenda Perusina* e o *Espelho da Perfeição*) nos dizem, portanto, que cerca de dois anos antes de sua morte, ou mais precisamente no período entre o inverno e a primavera de 1225, Francisco passou quase dois meses em São Damião, confinado no leito pelo agravamento de suas doenças e atormentado, sobretudo por uma dor atroz nos olhos, que o impedia de suportar a luz natural do sol durante o dia e o brilho do fogo à noite: portanto, dentro da pequena casa em que se alojava juntamente com os frades encarregados de cuidar da igreja e das «pobres senhoras»⁹, tinha-lhe sido montada uma pequena cela de esteiras, na qual os ratos lhe faziam companhia dia e noite, quando rezava e quando comia. E foi nesse mesmo lugar, quando a luz reapareceu depois de uma noite de sofrimento atroz, mas consolado pela promessa divina de que se transformaria no tesouro inestimável da salvação, que cheio de alegria e gratidão, Francisco compôs o *Cântico do Irmão Sol*¹⁰. No final do nosso discurso, pode ser particularmente esclarecedor extrair da *Legenda perusina* a descrição do feliz momento espiritual e psicológico vivido por Francisco naqueles dias de graça, com uma multiplicação de iniciativas que surpreendem um homem tão provado pelo sofrimento físico: “De fato seu espírito estava então em tal doçura e consolação, que quis mandar chamar Frei Pacífico, que no século era apelidado de “rei dos versos” e era um professor de canto muito refinado, e designar-lhe alguns frades bons e espirituais, para ir ao redor do mundo para pregar e louvar a Deus. Ele, portanto, disse que era sua intenção, que primeiro um deles, especialista em



pregação, pregasse ao povo e, após o sermão, cantassem juntos os *Louvores do Senhor* como seus bobos da corte. Depois que terminasse os *Louvores*, queria que o pregador dissesse ao povo: “Nós somos os bobos do Senhor e a recompensa que queremos de vocês é esta: que vivais em verdadeira penitência”. E acrescentou: “Com efeito, o que mais são os servos de Deus, senão de certo modo os bobos da corte, que devem comover os corações dos homens e elevá-los à alegria espiritual?”¹¹.

A história da antiga biografia, e mais adiante o próprio comportamento de Francisco, parece inspirar-se nos pensamentos magnânimos com que abre a *Segunda Carta aos Coríntios* do Apóstolo Paulo: “*Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai Misericordioso e Deus de toda a consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações, para que também nós possamos consolar os que estão em qualquer tipo de tribulação com a consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus*” (1,2-3). A primeira oportunidade de compartilhar com os outros a plenitude da paz e da consolação interior experimentada na radiante manhã do *Cântico* se apresentou a Francisco algum tempo depois, quando um violento desentendimento colocou dois de seus amigos um contra o outro, o podestà de Assis e o bispo Guido: e o santo, «tomado de pena deles, sobretudo porque nenhum eclesiástico ou secular se interessou em restabelecer a paz e a harmonia entre os dois», acrescentou ao seu louvor o verso «Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor» e enviou dois frades a cantar o louvor diante dos dois prelados em discórdia, que se arrependeram e se comoveram publicamente reconciliados e «sem se lembrarem dos insultos mútuos, voltaram a um acordo sincero depois de tão grave escândalo»¹².

Mas o homem evangélico que sonhava usar o seu *Cântico* como um convite universal a viver «na verdadeira penitência» e teve a alegria de experimentar o seu efeito benéfico nas autoridades da cidade, não podia esquecer



Clara e as outras "filhas e servas do Altíssimo e sumo Rei" que velava e rezava junto a ele no pequeno pátio de São Damião. Com efeito, continua o antigo texto que escolhemos como guia, «sempre naqueles dias e no mesmo lugar, depois de Francisco ter composto os *Louvores do Senhor* para as suas criaturas, ditava também algumas *palavras com melodia*, para maior consolação das pobres senhoras do mosteiro de São Damião, sobretudo porque sabia que estavam muito tristes com a sua enfermidade. E por causa da doença, não podia visitá-las e consolá-las pessoalmente, quis que os seus companheiros trouxessem e fizessem as reclusas ouvir aquela canção»¹³. É hora de passar a palavra a Francisco:

Ouvi, pobrezinhas, pelo Senhor chamadas,
que de muitas partes e províncias fostes congregadas:
vivei sempre na verdade,
e perseverai na obediência até a morte.

Não olheis para a vida exterior,
pois aquela do espírito é melhor.
Eu vos peço, com grande amor,
que tenhais discrição nas esmolas que vos dá o Senhor.

Aquelas que estão atormentadas por enfermidades
e as outras que por elas sofrem fadigas,
todas vós, suportai-as em paz,

pois vendereis caro essa fadiga,
visto que cada uma será rainha
no céu coroada com a Virgem Maria¹⁴.

Parece imediatamente aos olhos e aos ouvidos que se trata de uma espécie de salmo composto por versos de extensão desigual, distribuídos em quatro "linhas" ou estrofes rimadas (as duas primeiras, com rimas perfeitas) ou assonâncias (as duas últimas): em suma, para colocar em termos técnicos, de uma "prosa rimada" (*ríthmica*) no



vernáculo, completamente semelhante na forma à oração *Altíssimo, Glorioso Deus* pronunciada por Francisco diante do Crucifixo e do *Cântico do Irmão Sol*, com o qual também há coincidências óbvias de conteúdo. Alinhando as informações fornecidas pelas biografias antigas com os dados que emergem do texto vernáculo recentemente descoberto, e comparando este último com os já conhecidos escritos de Francisco, os estudiosos que examinaram com mais cuidado a prosa rimada *Ouvi, pobrezinhas* com base nos códigos de Novaglie, perto de Verona, que o conservaram («*Hec verba fecit beatus Franciscus in vulgari*»: «Estas palavras foram compostas pelo bem-aventurado Francisco no vernáculo», atesta o código mais antigo), concordam em atribuí-lo a Francisco de Assis¹⁵. A única exceção relevante é constituída pelo linguista Ignazio Baldelli, cuja intervenção com o título axiomático sobre o apócrifo franciscano "*Ouvi, pobrezinhas pelo Senhor chamadas*" parece, no entanto, ser sustentada por argumentos muito fracos individualmente e em seu conjunto, e em todo caso foi esvaziado por uma intervenção oposta de Aldo Menichetti, que aborda o problema da autenticidade com investigação rigorosa e sistemática, resolvendo-o de forma totalmente probatória e convincente em favor de Francisco¹⁷.

O fato é relevante também para a história da cultura, não só porque enriquece o número de poemas vernáculos que fazem de Francisco de Assis o primeiro autêntico poeta-rimador da literatura italiana, mas também porque confirma que os três textos poéticos em vernáculo deixados a nós pelo "Bobo da corte do Senhor" - a *Oração ao Crucifixo*, o *Cântico* e o *Ouvi, pobrezinhas* - nasceram todos à sombra de São Damião, onde se encontrou fecundamente o vento do Espírito que estava inovando a Igreja, enobrecendo-os, com as doces entonações da linguagem materna e local que Clara e Francisco aprenderam desde a infância. Como reflexão, compreendemos a apaixonada vontade de "comunicar" o que caracteriza estes textos, sobretudo estes últimos, escritos na língua falada para que a boa nova



da salvação que contêm chegue a todos, cultos e incultos, letrados e iletrados.

De fato, segundo a antiga biografia, a expectativa colocada na canção para as “pobres senhoras” de São Damião são muito altas: «Nela Francisco se pôs a mostrar seu ideal às irmãs, do presente e futuras»¹⁸. Seguindo esta indicação, alguns leitores modernos não hesitaram em definir as palavras da exortação de Francisco como um «testamento espiritual»¹⁹, mas outros, como pe. Giovanni Boccali, que foi o primeiro a ter este texto em mãos e a estudá-lo com mérito, o vê antes, como «uma exortação e não um testamento de Francisco», acrescentando que «não é um discurso orgânico, mas talvez uma repetição sintética de ensinamentos dados anteriormente»²⁰.

No entanto, uma leitura atenta das palavras de Francisco permite entrever os grandes pensamentos que animam também o testamento espiritual dos seus frades: a história da vocação (vv. 1-4), a obediência ao Espírito e a alegre pobreza (vv. 5-8), amor mútuo (vv. 9-14)²¹.

E duas vezes surge o pensamento da última passagem, a morte “em obediência” que se traduzirá na “coroação” celeste, confirmando que Francisco agora procura insistentemente penetrar com o olhar interior o mistério da graça que espera além dos confins da vida, e dessas explorações supremas ele quer envolver acima de tudo as pessoas mais próximas a ele. Até a lamentável falta de organicidade parece se dissolver aos poucos aos olhos do leitor, tanto pelo surgimento daquelas «recorrentes cadeias associativas»²² que caracterizam o pensamento e o dizer de Francisco, quanto, sobretudo pela constituição interna do *Ouvi, pobrezinhas* - como o comentário tentará mostrar - daquela mesma relação entre unidades temáticas homogêneas e linhas ou estrofes individuais (marcadas por rimas ou assonâncias) que constitui uma característica do *Cântico do Irmão Sol*, com efeitos positivos imediatos na interpretação e na própria constituição do texto.



Ouvi, pobrezinhas, pelo Senhor chamadas,
que de muitas partes e províncias fostes congregadas:
vivei sempre na verdade,
e perseverai na obediência até a morte. (vv. 1-4).

Naquele «Ouvi» inicial, alguém podia ouvir um eco de movimento aparentemente privo de seriedade, o convite à atenção que o bobo da corte sempre dirigia aos seus ouvintes no início de sua canção... Aqui, porém, estamos diante de um apelo solene baseado naquele dos profetas («*Audite* verbum Domini...!», «Ouvi a palavra do Senhor»), que Francisco ousa retomar exclusivamente para nos convidar a escutar as palavras e as obras do Senhor: «Vinde, escutem (*audite*), todos vocês que temem a Deus, e eu lhes contarei o que ele fez por mim»²³. Também desta vez se destaca a palavra de Francisco, porque ele não pede a escuta para si mesmo, mas a atenção para o mistério da graça que está acontecendo em Clara e suas irmãs, desde o primeiro chamado do Senhor até seu cumprimento no sinal da obediência mútua. As rimas perfeitas dos quatro primeiros versos de fato delimitam na primeira “linha” a história a duas mãos que está acontecendo na pessoa e na vida das “pobres senhoras” de São Damião: o chamado (chamadas, v. 1), a resposta (congregadas, v. 2), o programa de vida (vivei, v. 3), a feliz conclusão (até a morte, v. 4). Cada um desses momentos merece ser retomado e analisado com atenção.

Ouvi, pobrezinhas pelo Senhor chamadas... (v. 1).

Sempre que Francisco pensa no chamado evangélico, seu coração se enche de gratidão pelas maravilhas realizadas pelo Senhor: «O Senhor disse a mim, irmão Francisco, para começar a fazer penitência assim...», começa seu *Testamento*, que na primeira parte lê o caminho de conversão ao Evangelho como resultado de



uma chuva ininterrupta de graças («o próprio Senhor me conduziu entre eles...»; «E o Senhor me deu tanta fé nas igrejas...»; «Então o Senhor deu-me e dá-me tão grande fé nos sacerdotes...»; «o próprio Altíssimo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho») que se encontra com uma adesão plena e inesgotável da vontade e da vida («o que me parecia amargo transformou-se em doçura de espírito e de corpo»; «A elas quero recorrer...»; («É a estas e a todas as outras quero temer, amar e honrar...», «Eu quero... e rezo...»). Para o humilde Francisco, o bem do amor e da vontade humana é apenas o reflexo livre e alegre do seu amor, «o supremo, eterno bem do qual provém todo o bem e sem o qual não há bem»²⁴. Também na Forma de vida enviada a Clara e às suas primeiras companheiras, Francisco sublinha a sua “opção” pessoal de viver segundo o Evangelho, mas só depois de ter exaltado a iniciativa de Deus, primeiro protagonista de todo acontecimento da salvação: «Porque, por inspiração divina, vos tornastes filhas e servas do Altíssimo Rei, o Pai celeste, e fostes desposadas pelo Espírito Santo, escolhendo viver segundo a perfeição do santo Evangelho...» (FF 139).

Coerentemente, a insistência em enfatizar a iniciativa divina reaparece na exortação em vernáculo às “pobres senhoras”: é Deus quem as chamou, usando o termo usado por Francisco. A palavra “vocar” é uma forma latinizante de grande significado bíblico e teológico, que Francisco provavelmente extrai de «Paulo, apóstolo por vocação» (*vocatus apostolus*, 1 Cor 1,1; Rom 1,1) e a coloca em estreita relação com “pobrezinhas” para expressar este forte pensamento: “Ouvi, tu que és pobre por chamado do Senhor”, ou mais explicitamente, “tu que foste chamada pelo Senhor para viver na pobreza”. Francisco sabia muito bem que Clara e as outras Damianitas não eram pobres antes da vocação evangélica, e precisamente por isso desde as primeiras palavras quer recordar que o coração da sua vocação é «seguir a vida e a pobreza do Altíssimo Senhor nosso Jesus Cristo e de sua



santíssima mãe e nela perseverar até o fim»²⁵. Naturalmente, Francisco não esquece que a "boa nova" é anunciada aos pobres (cf. Lc 7,22), proclamados bem-aventurados porque «deles é o reino dos céus» (Mt 5,3), e precisamente os pobres para a generosidade do senhorio são chamados (*voca pauperes*, Lc 14,13 e 21) ao banquete recusado pelos outros convidados. Tendo assim estabelecido, por meio de referências internas, a sequência de valores que devem ser assumidos por aqueles que Cristo chamou a segui-lo, Francisco, na continuação da exortação, poderá omitir novas menções diretas e explícitas à pobreza e, de fato, exorte as "pobres senhoras" a moderar sua dureza usando com "discrissão" os dons do grande Esmoleiro Celestial.

Além disso, uma nuance de afeto e ternura já aparece naquele diminutivo *pobrezinhas*, que retorna não por acaso no vocabulário de Francisco, quando no *Testamento* ele protesta seu respeito pelos "sacerdotes pobres [*pauperculos*]" que vivem nas suas paróquias e invoca "moradias pobres [*paupercula*]" para seus frades, ou na véspera de sua morte convida Senhora Jacoba a Assis, assinando: «frei Francisco, pobre [*pauperculus*] de Jesus Cristo»: em extrema confirmação de que suas palavras sempre vibrem de religiosa e amorosa veneração diante de toda realidade onde resplandeça o mistério da pobreza de Cristo e de Maria, sua mãe. Há, portanto, provavelmente, um eco preciso da sua linguagem na página onde Tomás de Celano recorda que Francisco «não podia recordar sem chorar quanta penúria se encontrava a *pobre* Virgem naquele dia [= Natal]. Certa vez, ao sentar-se para almoçar, um frade recordou-lhe a pobreza da Santíssima Virgem e a carência de Cristo, seu Filho. Imediatamente ele se levantou da mesa, começou a chorar de dor e com o rosto molhado de lágrimas comeu o resto do pão na terra nua. Por isso chamou a pobreza de virtude régia, porque brilhava com tanto esplendor no Rei e na Rainha»²⁶.



E com a linguagem, a própria alma de Francisco parece dobrar-se e fundir-se na concretude feminina pela qual Clara consegue transmitir os mistérios de Cristo ao quotidiano mais modesto e habitual: «E por amor ao Santíssimo e dileto Menino, envolto em pobres paninhos [*pauperculis panniculis*] e deitado no presépio, e de sua Mãe Santíssima, admoesto, rezo com carinho e exorto minhas irmãs a usarem sempre roupas vis»²⁷.

Nesta ordem de pensamentos, que une indissolivelmente a realeza de Cristo e o seu tornar-se pobre e servo por amor, sem dúvida se alimentou a definição de “pobres senhoras” (*pauperes dominæ*), que Francisco teria preferido para Clara e suas companheiras, indicam a confluência simultânea na sua pessoa e na sua vida do duplo grande mistério da pobreza “servil” e do senhorio “real” do Verbo feito homem no seio de Maria. É uma reflexão que Francisco já havia expressado com outras palavras na *Regra* para seus frades e que Clara, por sua vez, retomará ao pé da letra, limitando-se a transpor ao feminino a exortação que as irmãs, «servindo ao Senhor na pobreza e na humildade» e confiando na esmola “não se envergonhem, porque o Senhor se fez pobre por nós neste mundo. Este é o cume da mais alta pobreza, que vos fez minhas caríssimas irmãs, herdeiras e rainhas do reino dos céus, vos fez pobres em substância, mas ricas em virtudes. Esta é a vossa porção, que conduz à terra dos viventes»²⁸. Francisco definia-se como «ignorante e analfabeto»²⁹, mas isso não impedia a necessidade de fazer aderir a ordem das palavras à ordem da verdade e das coisas, para que o retorno dos mesmos termos - especialmente os centrais na sua visão religiosa - em referência a pessoas diferentes, é sempre uma indicação de uma comunhão secreta de predestinação e graça. Não é, pois, de estranhar que, ao concluir a sua exortação, abra os últimos horizontes de esperança às «pobres damas» e «senhoras» de São Damião, recordando-lhes «visto que cada uma será rainha no céu coroada com a Virgem Maria». Do chamado ao



prêmio, porém, o caminho ainda é longo, e Francisco marca o segundo passo:

que de muitas partes e províncias fostes congregadas... (v. 2).

As aventuras da fuga noturna de Clara da casa paterna e da sua consagração a Deus pelas mãos de Francisco devem ter-se espalhado rapidamente em Assis e nas cidades vizinhas, mas as notícias das suas virtudes correram com a mesma rapidez, como observa a sua biografia: «A fama da santidade da virgem Clara logo se espalhou, de fato, pelos bairros vizinhos, e mulheres afluíam de todas as partes, atrás da fragrância de seu perfume»³⁰. A exortação sublinha que as mulheres vêm “de muitas partes e províncias”, e esta é uma informação valiosa para estabelecer a autenticidade do texto também em dados externos: das atas do *Processo de canonização de Santa Clara* foi de fato possível verificar que na data da redação da *Ouvi, pobrezinhas* (1225) em São Damião havia irmãs que vieram não só de Assis e do campo, mas também de Perugia, Spello, Spoleto, Roma, e provavelmente Pisa e Ferrara³¹.

Mas a apuração dos fatos, também neste caso, não esgota as ressonâncias do texto. É um hábito bem conhecido de Francisco dilatar sua audiência no tempo e no espaço: na exortação que conclui a primeira *Regra* escrita para seus frades, Francisco se dirige a «todas as nações e todos os homens que são e que serão»³², e da mesma forma recomenda a sua *Carta a toda a Ordem* ao ministro geral «e aos demais custódios e guardiães dos frades, que são e que serão»³³, ditando depois no chamado *Pequeno Testamento* de Siena uma bênção para «todos os meus frades que estão agora na Ordem e os que nela entrarão até o fim do mundo»³⁴. Além da evidência documental, é, portanto legítimo «perguntar se a admoestação de Francisco não deve ser tomada como uma mensagem



projetada em uma dimensão profética»³⁵, em virtude da qual as “pobres senhoras” a quem ele se dirige irão sim, principalmente, as “reunidas” em São Damião, mas também as reunidas no futuro na corte do altíssimo sumo Rei, como já interpretou o autor da *Legenda perusina*, explicando que com aquelas palavras Francisco «propunha expressar brevemente as irmãs, de então e as que virão, a sua vontade»³⁶. Esta não é uma atitude presunçosa, mas um reflexo da universalidade imanente nas «palavras perfumadas do Senhor [*odorifera verba Domini*]»³⁷, que as palavras de Francisco pretendem fazer eco relançando seu som para todos os lugares, todos os tempos e cada pessoa.

Assim, a expressão *congregadas*, termo raro que só desta vez ocorre nos escritos de Francisco, certamente significa que Deus reuniu e mantém reunidas as suas filhas e servas «no mesmo mosteiro, com a mesma vocação, para a mesma vida»³⁸, mas no interior das expressões usadas por Francisco urge fortemente a memória da palavra profética de Ezequiel que anuncia o fim da dispersão e a renovação espiritual do povo de Israel: «Assim diz o Senhor Deus: Eu vos ajuntarei dentre as nações e vos reunirei das terras [*adunabo de terris*] em que fostes espalhados... Darei a eles um só coração [*cor unum*] e um novo espírito [*spiritum novum*]» colocarei dentro deles; tirarei do seu peito o coração de pedra e lhes darei um coração de carne, para que sigam os meus decretos e observem as minhas leis e as ponham em prática»³⁹. Passam-se os séculos, mas Deus continua a reunir o seu povo, a chamar e a “reunir na unidade” as suas filhas das terras e das cidades, para fazer delas “um só coração” que bate em unísono na verdade e no amor. «*Congregavit nos in unum Christi amor*», «O amor de Cristo nos reuniu na unidade», canta com alegria a antífona litúrgica *Ubi charitas*, cujas palavras em manifesta harmonia fluem ao longo da antiga paráfrase da exortação de Francisco: «Ele rogou-lhes que, como o Senhor os tivesse reunido de muitas partes na unidade [*in unum congregavit*] na caridade...»⁴⁰. O eco do texto profético e a



consonância litúrgica garantem que a reunião não significa pura agregação física, mas expressa antecipadamente e sinteticamente aquele ideal de comunhão pleno de espírito e de vida que Francisco ilustra nos seguintes versículos:

vivei sempre na verdade,
e perseverai na obediência até a morte (vv. 3-4).

Segundo a antiga fonte biográfica, o ideal ou “vontade” que Francisco se propôs a manifestar às “pobres senhoras” seria assim resumido: «isto é, que sejam unânimes na caridade [*deberent karitate esse unanimes*] e na convivência fraterna»⁴¹. A diferença entre a expressão «vivei... *na verdade*» e a frase «foram unânimes *na caridade*», juntamente com outras diferenças entre texto e paráfrase, levou alguns leitores modernos a pensar que a exortação foi acompanhada por mensagem oral ou por carta que continham outros pensamentos⁴², ou ainda, que a prosa rimada no vernáculo não é um texto de Francisco, mas uma releitura tardia (século XIV) elaborada a partir da fonte biográfica, que por sua vez pressupõe um original perdido muito maior e complexo⁴³.

Na realidade, para nos limitarmos ao que nos interessa, a discrepância entre *karitate* e *veritate* é apenas aparente, mais da forma do que de conteúdo. Não há dúvida de que o âmbito teológico-bíblico de onde emergem as palavras de Francisco é o joanino («ambulantes *in veritate*», 2Jo 3; «tu *in veritate* ambulas», 3Jo 3), como já foi apontado⁴⁴, e talvez ao enviar uma exortação às “pobres senhoras” de São Damião que tem todo o sabor de um testamento espiritual, Francisco pensa no grande testamento de Jesus, a oração sacerdotal com a qual o Senhor pediu ao Pai para «santificar *na verdade*» os discípulos, isto é, para ajudá-los a serem «perfeitos *na unidade*» da fé e do amor recíproco. As extensas citações daquele texto presentes na *Regra não bulada* e na *Carta aos fiéis*, assim como a força irradiante



que reflete em muitas páginas e atitudes do Pobrezinho de Assis, mostram que o capítulo 17 do Evangelho de João é provavelmente a página mais amada, meditada e revivida por Francisco⁴⁵. A razão consiste no fato de que na oração sacerdotal de Jesus se manifesta plenamente o desígnio divino da salvação: Deus Pai da vida, da verdade e do amor, que em Jesus Cristo se revela e se doa ao homem; e a comunidade dos discípulos que devem acolher em si mesmos e deixar transparecer a vida de Deus, que é comunhão de verdade e de amor, para a sua própria salvação e a do mundo inteiro. No centro da invocação de Jesus, retomada por Francisco na primeira *Regra* para os Frades Menores, estão as palavras que iluminam o trecho em exame: «Fazei-os *gloriosos na verdade*. A tua palavra é a verdade. Assim como me enviaste ao mundo, eu também os enviei ao mundo. E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam *santificados na verdade*. Rogo não só por estes, mas também por aqueles que hão de crer em mim, pela sua palavra, para que sejam *perfeitos na unidade [consummati in unum]* e o mundo saiba que tu me enviaste e os amaste, como também me amaste»⁴⁶.

Será bom centrar a atenção em algumas expressões fecundas de Jesus: que reza para que a “verdade” que comunicou aos discípulos resplandeça na vida deles («Fazei-os *gloriosos na verdade*») e separa os discípulos do mal, unindo-os Àquele que é “o Santo de Deus” por excelência («santifiquem-se *na verdade*»), para que o Pai, que é perfeita unidade de vida, verdade e amor com o Filho e o Espírito Santo, aperfeiçoe também a comunhão de verdade e de amor que anima a pessoa e a vida dos seus filhos («que sejam *perfeitos na unidade*»). As várias expressões usadas por Jesus na sua oração exprimem, portanto, diferentes aspectos de um único grande mistério, a comunhão do Deus trino com a sua Igreja, que inesgotavelmente dele haure a verdade, a santidade, a perfeita comunhão no amor: faces complementares da realidade eclesial que



encontram sua unidade em Deus. Na tentativa de condensar a oração de Jesus em uma única frase de exortação, Francisco escolheu «viveis *na verdade*», uma expressão sintética a ser entendida na linha da exortação paulina de «viver segundo a verdade na caridade» (*veritatem facientes in charitate*, Ef 4,15), ou da joanina já mencionada para “caminhar na verdade”, explicada com uma concretude tão próxima da sensibilidade de Francisco: «Filhinhos, não *amemos* de palavra nem de língua, mas em obras e *em verdade*» (1Jo 3,18).

Ele havia, portanto, acertado perfeitamente na fonte antiga, quando na frase «vivei sempre *na verdade*» leu nas entrelinhas a exortação de que as “pobres senhoras” «eram unânimes *na caridade*». Assim se recompõe aquele elo inseparável, para o qual nos escritos de Francisco a obediência é sempre conjugada com a caridade, como proclama um versículo da *Saudação às Virtudes*: «Senhora, santa caridade, que o Senhor te salve com a tua irmã, a santa obediência». De fato, o já comentado versículo da *Exortação* se completa assim:

vivei sempre na verdade,
e perseverai na obediência até a morte (vv. 3-4).

Naturalmente, o modelo supremo de obediência é sempre o Senhor Jesus, que se manifestou entre nós «como aquele que serve» (Lc 22,27) e por nós «foi obediente até a morte e morte de cruz» (Fl 2,8), ou parafraseando Francisco, «deu a vida para não faltar à obediência do santíssimo Pai» (LOrd 46). Desta forma, o termo «obediência» assume, portanto, significados muito ricos e múltiplos, como amplamente confirmados pelos outros escritos de Francisco: é obediência ao Pai, ao Espírito do Senhor, ao Evangelho e à *Regra* professada, mas também às exigências da vida fraterna⁴⁷, e como tal



implica o conjunto das relações na fraternidade e a “regra de vida” que as regula, identificando-se com a vida franciscana em sua totalidade⁴⁸. Numa página da primeira *Regra* para os irmãos, Francisco expressa plenamente a abertura à obediência, a exemplo de Jesus, ao duplo mandamento do amor fraterno e do amor obediente ao Pai, quando escreve: «Nenhum irmão maltrate ou diga mal para outro; pelo contrário, por caridade de espírito, eles estão dispostos a servir e obedecer uns aos outros. E esta é a verdadeira e santa obediência de nosso Senhor Jesus Cristo»; e depois de uma severa advertência aos que abandonam os mandamentos do Senhor e vagueiam «fora da obediência», retoma: «Se, ao contrário, perseveraram nos mandamentos do Senhor, que prometeram observar seguindo o santo Evangelho e o seu modo de vida, sabeis que estão em verdadeira obediência e são abençoados pelo Senhor»⁴⁹.

Neste ponto é importante não esquecer o tema da perseverança, o fio de ouro que liga a graça de cada “vocação” ao seu desembarque na última e definitiva margem, quando a alma fiel finalmente poderá cantar com toda a sua força : «Tu és a nossa vida eterna, grande e admirável Senhor, Deus onipotente, misericordioso Salvador»⁵⁰. Basta um advérbio, «vivam *sempre* na verdade», para que Francisco recorde às “pobres senhoras” reunidas em São Damião que o dom de sua vida de pobreza, caridade e obediência no Espírito deve ser acolhido e vivido na dimensão do cotidiano da vida e perseverança, para que a irmã morte corporal encontre as «filhas e servas do Altíssimo Rei, o Pai celestial» diligentes e vigilantes no cumprimento da santíssima vontade de seu Senhor. Mais tarde, porém, pouco antes de seu falecimento, em sua *Última vontade*, Francisco retornará com igual força e delicada cortesia ao tema que lhe é tão próximo ao coração: «E eu vos suplico, minhas senhoras, e aconselho-vos a viver sempre nesta santíssima vida e pobreza»⁵¹. A julgar pela insistência sentida com que Clara relançará a



exortação na conclusão do seu *Testamento*, não foram nem oração nem conselho lançados ao vento: «E porque o caminho e a vereda são estreitos, e a porta por onde se entra na vida, poucos são também os que caminham e entram por ela. E se há alguns que ali caminham por algum tempo, muito poucos são os que nele perseveraram. Mas bem-aventurados aqueles a quem é concedido caminhar nela e perseverar até o fim»⁵². A luz da bem-aventurança evangélica («Bem-aventurados os servos que o patrão achar vigiando», Lc 12,37), ilumina também as últimas palavras ditadas por Francisco para o *Cântico*: «Bem-aventurados os que forem encontrados na tua santíssima vontade, / que a segunda morte não lhes fará mal» (vv. 30-31). Enquanto os crentes esperam, a luz do pôr do sol se transforma na aurora que anuncia o novo dia.

¹ 3Comp VI,16.

² 3Comp 21.

³ TestsC 30-31.

⁴ TestsC 9-14: CHIARA, *Scritti*, LIEF, Vicenza 1986, 172-175.

⁵ 2Cel 204.

⁶ Cfr. C. PAOLAZZI, *Francesco per Chiara*, Milano 1993, note 22-25 e relativo testo.

⁷ TestsC 32-36: CHIARA, *Scritti*, 178-179.

⁸ Felizmente redescobertas anteriores podem ser reconstruídas com base nas informações fornecidas pelos próprios descobridores, que também se tornaram os primeiros editores e estudiosos do texto: cfr. Ch. A. LAINATI, *Introduzione a Scritti e fonti biografiche di Chiara d'Assisi*, in *Fonti Francescane*, 1977, pp. 2238-2240 (con il testo dell'esortazione); G. BOCCALI, *Parole di esortazione di s. Francesco alle "poverelle" di San Damiano*, "Forma sororum" XIV (1977) 54-70 (testo a p. 59); Id., *Canto di esortazione di san Francesco per le "poverelle" di San Damiano*, "Collectanea franciscana" 48 (1978) 5-29.

⁹ Esta é a solução convincente sugerida, em pleno acordo com os antigos documentos (cfr. RsC XII,5-10; *Processo de canonização de santa Chiara* (= Proc) II,15; VI,16, onde se fala dos «frades, que estavam lá fora») da O. SCHMUCKI, "Audite, poverelle". *El redescubierto canto de exhortación de san Francisco para las Damas Pobres de San Damián*, "Selecciones de franciscanismo" 13 (1984) 134-135, com indicações sobre as doenças que afligiam são Francisco



¹⁰ Sobre a origem e interpretação da famosa lauda em vernáculo, é permitido referir-se ao mencionado PAOLAZZI, *Il Cantico di frate Sole*.

¹¹ LegPer 43 (a tradução aqui foi revista no texto latino).

¹² LegPer 44.

¹³ LegPer 45. Se quisermos nos ater à história das fontes antigas, bem como dos documentos citados, fica evidente que a hospedagem de Francisco era diferente e distante daquela das “pobres senhoras”, apesar dos comoveros floreados poéticos de algum ilustre biógrafo (cfr. P. SABATIER, *Vita di San Francesco d'Assisi*).

¹⁴ Se reproduz o texto crítico fornecido por F. BRAMBILLA AGENO, *Proposte al testo della "prosa" volgare di san Francesco*, "Studi e problemi di critica testuale" 20 (1980) 5-8.

¹⁵ Se pensa sobretudo a Chiara Augusta Lainati, Giovanni Boccali e Ottaviano Schmucki para os aspectos documentários e de conteúdos, a Franca Brambilla Ageno e Aldo Menichetti para o texto, a língua e o estilo (todos textos aqui citados e usados amplamente).

¹⁶ Em “Ricerche storiche” 13 (1983) 559-575. Observe, entre outras coisas: é altamente improvável que o obscuro «vivate sempre *en veritate*» deriva do muito claro *deberent karitate esse unanimes* («eles devem ser unânimes na caridade», LegPer 45) por um falsificador, como faria Baldelli; a ausência do termo *sorores*, além de constituir um elemento contrário à autenticidade (*Sull'apocrifo*, 569-570), responde plenamente às intenções e ao vocabulário de Francisco, como mostra o estudo anterior [NdC: cf. n. 6]; o binômio *vocate-adunate*, em oposição a apenas *congregavit* da biografia, não é de forma alguma uma “dictologia sinônima” típica dos divulgadores (*Sull'apocrifo*, 570-571), mas expressa dois momentos essenciais na síntese “vocacional” de Francisco.

¹⁷ Cfr. A. MENICHETTI, *Riflessioni complementari circa l'attribuzione a san Francesco dell'«Esortazione alle poverelle»*, “Ricerche storiche” 13 (1983) 577-593 («Você acertou o alvo», escreveu Gianfranco Contini para ele na ocasião).

¹⁸ LegPer 45.

¹⁹ Cfr. SCHMUCKI, *El redescubierto canto de exhortación*, 136-138.

²⁰ BOCCALI, *Canto di esortazione*, 29.

²¹ Para a história da vocação e o amor à pobreza, cfr. 2Test 1-24; amor mútuo e à santa pobreza em 1Test 1-4. O convite à fidelidade à Igreja e aos clérigos não aparece explicitamente nas palavras da exortação às «pobres senhoras», mas volta em ambos os testamentos para os frades menores, evidentemente mais expostos às tentações de desviar-se (cfr. 1Test 4; 2Test 30-34).

²² MENICHETTI, *Osservazioni complementari*, 586. Ver também PAOLAZZI, *Lettura degli "Scritti"*, 25, 62-67.

²³ Uff III Ter 4; o convite retorna de forma literal também na *Carta a toda a Ordem* (= LOrd) 5 e 21.

²⁴ *Parafrase do "Pai nosso"* (= Pater) 2.

²⁵ Uv 1.



²⁶ 2Cel 200.

²⁷ RsC II,25.

²⁸ RsC VIII,2-5 (o texto paralelo é Rb VI,2-5). Na continuação, Clara acrescenta ao texto de Francisco a menção explícita da Mãe do Senhor: «Aderindo totalmente a ela [= pobreza], nunca queiram, caríssimas irmãs, ter mais alguma coisa debaixo do céu, por amor de nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Santíssima Mãe» (VIII,6).

²⁹ LOrd 39 (*ignorans sum et idiota*).

³⁰ LsC 10.

³¹ Cfr. BOCCALI, *Parole di esortazione*, 62-63; Id., *Canto di esortazione*, 23. A leitura desses dados parece redutora e tendenciosa em BALDELLI, *Sull'apocrifo francescano*, 566-569.

³² Rnb XXIII,7.

³³ LOrd VI,47.

³⁴ 1Test 1.

³⁵ MENICETTI, *Riflessioni complementari*, 585.

³⁶ LegPer 45. Come já citamos anteriormente, se procede a uma revisão metódica da tradução no texto latino.

³⁷ Cfr. 2Lf 2.

³⁸ BOCCALI, *Canto di esortazione*, 23.

³⁹ Ez 11,17.19-20. O apelo à renovação no “Espírito” e na vida de “obediência” que se segue, emerge nos seguintes versos da exortação franciscana .

⁴⁰ LegPer 45.

⁴¹ LegPer 45.

⁴² SCHMUCKI, “*Audite, poverelle*”, 136-137.

⁴³ Cfr. BALDELLI, *Sull'apocrifo francescano*, 560-563 (e cfr. supra, n. 16).

⁴⁴ Cfr. BOCCALI, *Parole di esortazione*, 63; Id., *Canto di esortazione*, 23 e n. 62.

⁴⁵ Cfr. O. BATTAGLIA, *San Francesco e il Vangelo di Giovanni*, in *Parola di Dio e Francesco d'Assisi*, Cittadella Ed., Assisi 1982, 165; O. VAN ASSELDONK, *Maria, sposa dello Spirito Santo, secondo S. Francesco d'Assisi*, “*Laurentianum*” 23 (1982) 416. Para as citações mais significativas, ver Rnb XXII,41-54; 2Lf X,56-60.

⁴⁶ Rnb XXII,49-53; e cfr. Gv 17,17-23 (com algum corte). Que as expressões em itálico são sentidas por Francisco como teologicamente equivalentes é demonstrado pela Carta aos fiéis, onde o caminho é decididamente abreviado: «E por eles eu me santifico, para que eles sejam santificados na unidade como nós» (X,59).

⁴⁷ Cfr. PAOLAZZI, *Lettura degli “Scritti”*, 235-239.

⁴⁸ Cfr. SCHMUCKI, “*Audite, poverelle*”, 139.

⁴⁹ Rnb V,13-17.

⁵⁰ *Lodi di Dio Altissimo* (= LodAl) 7.

⁵¹ Uv 2. A coincidência literal *vivate sempre-semper vivatis* é assinalada por MENICETTI, *Riflessioni complementari*, 585.

⁵² TestsC 71-73.

(contínua)



Fr. Carlo Paolazzi: uma breve apresentação

As Irmãs Pobres de Cortona juntamente com fr. Fábio C. Gomes me pediram que preparasse um pequeno artigo para o cTc sobre o escrito de frei Francisco *Ouvi, pobrezinhas*, em vista do centenário que nos preparamos para celebrar. Acolhi o convite, consciente de que minhas palavras e reflexões não poderiam expressar a beleza e a riqueza daquele texto.

Li e reli várias vezes a exortação *Ouvi, pobrezinhas*, anotando as considerações resultantes da minha leitura. Lembrei-me então que há muitos anos li um estudo que o Frade menor Carlo Paolazzi havia dedicado ao escrito de Frei Francisco para as Irmãs de São Damião. Então retomei o livro de fr. Carlo: *Francesco per Chiara* (Presenza di San Francesco, 40), Edição Biblioteca Franciscana, Milão 1994, que nas pp. 77-130 contém a leitura da Exortação «*Ouvi, pobrezinhas pelo Senhor chamadas*». O estilo de Fr. Carlo me conquistou: profundo, rigoroso, apaixonado, capaz de colocar em diálogo os escritos de Francisco com os escritos de Francisco – como nenhum outro. Sim, porque a melhor forma de compreender um texto do Santo de Assis é lê-lo e relê-lo em relação aos seus outros escritos.

Então pensei em propor à redação do cTc a republicação do belo trabalho de Fr. Carlo Paolazzi para que chegasse a um maior número de leitores. O Fr. Paolo Canali – Diretor da Edição Biblioteca Franciscana – aceitou com entusiasmo a nossa proposta, e por isso lhe agradecemos do fundo do coração.

Algumas palavras sobre fr. Carlo Paolazzi: nasceu em Palù di Giovo, na província de Trento, em 08 de março de 1938, emitiu os primeiros votos em 19 de setembro de 1955, votos solenes em 28 de agosto de 1960 e foi



ordenado sacerdote em 14 de julho de 1963. Filólogo e estudioso de grande valor foi professor de filologia dantesca e literatura italiana na Universidade Católica de Milão e Brescia, e depois ingressou no Colégio dos Frades Editores de Quaracchi, na época em Grottaferrata, assumindo a exigente tarefa de publicar a nova edição crítica dos Escritos de Frei Francisco de Assis (FRANCISCI ASSISIENSIS *Scripta*, critice edidit C. Paolazzi [Spicilegium Bonaventurianum, 36], Editiones Collegii S. Bonaventurae, Grottaferrata [Roma] 2009). De 2000 a 2010 realizou o curso de Filologia e intertextualidade na Escola Superior de Estudos Medievais e Franciscanos da Pontifícia Universidade Antonianum.

Fr. Carlo Paolazzi é também autor de várias publicações sobre os Escritos de Frei Francisco, tanto de caráter estritamente científico como de caráter mais popular, onde conseguiu combinar a exegese dos textos com uma profunda compreensão espiritual. Inaugurada pela colaboração na primeira edição das *Fontes Franciscanas* (Movimento Franciscano, Assis 1977), a pesquisa de fr. Carlo Paolazzi da vertente franciscana teve como objeto principal os *Escritos* de Assis, investigados em relação à experiência religiosa do santo, às fontes bíblico-litúrgicas e às fontes hagiográficas, com atenção constante à exegese do texto e à mensagem teológica - espiritual: caminha nesta direção o trabalho sobre os *Escritos* de Francisco (introduções, tradução e notas) que apareceu nas *Fontes Franciscanas*. Nova edição, EFR - Editrici Francescane, Pádua 2004, pp. 27-217; e nas *Fontes Franciscanas*. Terceira edição revisada e atualizada, EFR - Editrici Francescane, Padova 2011, pp. 29-217. As últimas contribuições abordam problemas editoriais e textuais, de interpretação e autenticidade, em particular a relação entre Francisco e os escritores, alguns pontos cruciais do texto dos biógrafos, a autenticidade dos escritos aos *pauperes dominae*, as passagens das Regras nos livros e estudo.



Apenas alguns são mencionados:

- *Il Cantico di frate Sole*, Marietti, Genova 1992;
- *Francesco e Chiara. Invito alla lettura*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 1999;
- *Le laudi volgari*, in FRANCESCO D'ASSISI, *Scritti*. Testo latino e traduzione italiana, EFR - Editrici Francescane, Padova 2002, pp. 215-242;
- *Lettura degli "Scritti" di Francesco d'Assisi*, II ed., Edizioni Biblioteca Francescana, Milano 2002;
- *Per l'autenticità degli scritti di Francesco alle «pauperes domine»*, in *Atti del Convegno Internazionale "Clara claris praeclara"* (Assisi, 20-22 novembre 2003), Edizioni Porziuncola, S. Maria degli Angeli - Assisi 2004, pp. 307-337;
- *La "Preghiera davanti al Crocifisso": Francesco alla ricerca di Dio*, in *Miscellanea Franciscana Salentina*, 22 (2006), pp. 5-19;
- *Studi sugli Scritti di frate Francesco*, Frati Editori di Quaracchi, Grottaferrata (Roma) 2006;
- *Francesco d'Assisi e il creato: dalla contemplazione all'obbedienza*, in *Studi Francescani*, 104 (2007), pp. 189-204.
- *La Forma vitae presentata da Francesco a papa Innocenzo III*, in *Francesco a Roma dal signor Papa*. Atti del Convegno storico di Greccio (Greccio, 9-10 maggio 2008), Edizioni Biblioteca Francescana, Milano 2008, pp. 123-139;
- *Il Testamento di Chiara d'Assisi: messaggio e autenticità*, Edizioni Biblioteca Francescana, Milano 2013;
- *In cammino trinitario, con san Francesco d'Assisi*, Edizioni Biblioteca Francescana, Milano 2016.

Fr. Carlo era um homem de alma clara, como as montanhas de sua região trentina, uma figura significativa



na tradição cultural de nossa Ordem e, sobretudo, um verdadeiro franciscano. Retornou à Casa do Pai no dia 25 de março de 2022 em Trento, Itália, aos 84 anos.

Fr. Marco Guida, ofm - Roma, Itália

Recebemos

Irmãos todos... Irmãs todas!

(Continuação do número 60)

As feridas da fraternidade à luz de Francisco

Neste mundo, como agora dilacerado por guerras sangrentas, Francisco soube encontrar a verdadeira paz em Deus e «libertou-se de qualquer desejo de supremacia sobre os outros» (FT 4). O desejo de estar acima dos outros, preferido, admirado, creio, tem seu princípio positivo em nosso desejo infinito de amar e ser amado, porque sentimos que não fomos feitos para sermos deixados de lado, humilhados, mas amados infinitamente e gratuitamente, olhados com bondade. Mas certas experiências, na maioria das vezes na infância, feriram em nós essa certeza de sermos amados; se nos dissessem por exemplo: ‘você é o último, ou você é mais novo que eu, então sua opinião não conta’ ou ainda ‘você é o último da turma, você não sabe de nada, você é feio!’ etc... inconscientemente tentaríamos demonstrar que nós também temos valor, porque Deus diz no fundo de cada pessoa: ‘Você tem valor, você é importante, eu te amo!’. No entanto, as humilhações, as injustiças, os insultos ferem esta certeza de sermos amados e desejados por Deus, e a nossa forma de procurar o amor e o olhar dos outros assemelham-se muitas vezes à competição.

São Francisco, diante dos sofrimentos que sofria pessoalmente no corpo e na alma, não se fechava em si mesmo, mas fazia da sua pobreza um caminho aberto, para descobrir com o coração o sofrimento dos outros, até colocar-se ao seu serviço, e isto para os mais pobres e desprezados de todos, a quem antes sempre evitara: os leprosos.



Servir significa cuidar de quem é frágil em nossas famílias, em nossa sociedade, em nosso povo”. Neste compromisso cada um é capaz de “pôr de lado as suas necessidades, as suas expectativas, os seus desejos de onipotência perante o olhar concreto dos mais frágeis. [...] O serviço sempre olha o rosto do irmão, toca sua carne, sente sua proximidade até o 'sofrimento' em alguns casos, e busca a promoção do irmão. Por isso, o serviço nunca é ideológico, pois não serve a ideias, mas a pessoas”. Estes últimos em geral praticam aquela solidariedade muito especial que existe entre os que sofrem, entre os pobres, e que a nossa civilização parece ter esquecido, ou pelo menos tem um grande desejo de esquecer (FT 115b-116a).

Além da fraternidade humana

Quando Jesus nos diz: «Amai os vossos inimigos», podemos entendê-lo como: «amai os vossos irmãos inimigos», ou seja, amai os vossos irmãos mesmo quando brigais, quando tendes pontos de vista diferentes, mesmo quando os seus comportamentos parecem mostrar quem quer prejudicá-lo. Se olharmos para a raiz da palavra inimigo, veremos que esta palavra deriva do latim inimicus, construído a partir do prefixo privativo in- e de *amicus* (“amigo”, da raiz *amar*, ou seja, alguém que não me ama ou alguém que não amo). Posso então compreender: «olhar sempre para a pessoa que não te ama, ou de quem tens a impressão de que não te ama, como teu amado irmão ou irmã».

Também a mãe Santa Clara retoma a experiência da fraternidade humana, para sublimá-la em um amor sobrenatural: «E se uma mãe cuida e nutre sua filha segundo a carne, quanto mais cada uma deve nutrir sua irmã segundo o espírito!» (RsC 8,9). Madre Maria de Jesus, fundadora das Clarissas de Camarões e Gabão, disse às suas filhas: «Sejam mães mútuas, indulgentes quanto possível, lembrando que Jesus foi severo apenas para os



fariseus» (cf. «É urgente apenas amar, e amar é morrer»). A fraternidade humana baseia-se nos laços de sangue, na mesma cultura, na mesma educação, numa experiência semelhante. Mas na fraternidade à qual Jesus nos convida, estamos reunidos «de todas as tribos, raças, línguas, povos e nações» (Ap 7,9), de modo que também podemos involuntariamente ferir uns aos outros, causar sofrimentos uns aos outros, mas amar qual somos convidados é maior e mais perfeito. Amar alguém que se parece comigo, que tem as mesmas opiniões que eu, as mesmas formas de ver as coisas, geralmente é mais fácil. Eu faço o bem, sou agradecido, é gratificante. Mas com uma pessoa muito diferente de mim eu posso fazer o bem e, pela minha maneira de fazer, ela pode entender de outra forma, interpretar meu gesto ou minha palavra como um ato negativo.

A experiência atual da nossa Ordem, da revisão das Constituições Gerais, que requer a colaboração de cada uma para o bem de todas e para o futuro da Ordem, pode ser ocasião de aproximação e respeito mútuo, mais do que desconfiança e interpretação de intenções mútuas.

O perdão segundo o exemplo das crianças

Quando lemos que Jesus nos pede para ser como crianças, muitas vezes mencionamos diferentes qualidades das crianças, como a confiança nos pais. Também noto que as crianças têm uma incrível capacidade de perdoar. Eles brigam aos gritos e alguns minutos depois se abraçam pelo pescoço em sinal de amizade. Por que os adultos são tão diferentes nesse aspecto?

O Evangelho nos pede para perdoar 'setenta vezes sete' (Mt 18,22) e dá o exemplo do servo impiedoso, que foi perdoado, mas por sua vez não foi capaz de perdoar os outros (cf. Mt 18,23-35) (FT 238).

Como nos lembra São Gregório de Nissa, o perdão aos outros tem sua fonte profunda na paz do coração que vem



do próprio Deus: «É Ele, o Cristo, nossa paz, que fez de dois um só povo. Visto que assim entendemos que Cristo é a nossa paz, mostraremos qual é a verdadeira definição de cristão se, por meio dessa paz que está em nós, mostramos Cristo em nossas vidas. Em sua pessoa matou o ódio, como diz o Apóstolo. Portanto, não o reavivemos em nós, mas provemos com a nossa vida que ele está realmente morto. Uma vez que ele foi lindamente morto por Deus para nossa salvação, não vamos ressuscitá-lo para a perda de nossas almas; cedendo à ira e à memória dos insultos, não assumamos o erro de realizar a ressurreição do que foi lindamente morto. Mas já que temos Cristo, que é paz, matemos por nossa vez o ódio dentro de nós, para realizar em nossas vidas o que nossa fé nos mostra realizado nele: derrubou o muro que separava os dois povos, criou para si um novo homem, e estabeleceu a paz. Da mesma forma nós: ... estamos em paz dentro de nós mesmos para construir, a partir desta dupla realidade, o homem novo, unido e pacificado» (do *Tratado sobre a Perfeição Cristã* de São Gregório Nissa).

Certas situações de recusa do perdão recíproco entre irmãs ou entre comunidades parecem então incompreensíveis para aqueles que são as testemunhas, um contra-testemunho que às vezes se estende muito além dos muros de nossos mosteiros e pode ter repercussões desastrosas no coração de muitos, como a diminuição das vocações religiosas e até afastam da Igreja pessoas ainda fragilizadas.

Palavras que dão vida e não morte

Deus nos criou por meio de sua Palavra onipotente e amorosa. Sua Palavra é a verdade, por isso também é eficaz. Ele cria e depois abençoa o que criou, tem um olhar de bondade e benevolência sobre o que criou: «Deus diz: Haja luz!». E houve luz. «Deus viu que a luz era boa» (Gn 1,3-4) e o homem também: «Deus criou o homem à sua



imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Deus os abençoou. Deus viu tudo o que tinha feito, e eis que era muito bom» (Gn 1:27-28a.31)

Hoje muitas palavras humanas passam por canais de comunicação como a internet, o telefone, por todas as redes sociais. Infelizmente, muitas vezes enviamos mensagens recebidas criticando pessoas que nem conhecemos, mensagens cuja veracidade não podemos verificar fisicamente. Escutemos novamente o nosso Santo Padre o Papa Francisco que nos adverte: *Não se deve ignorar que «no mundo digital operam interesses econômicos massivos, capazes de implementar formas de controle tão sutis quanto invasivas, criando mecanismos de manipulação de consciências e o processo democrático. Muitas vezes, o funcionamento de muitas plataformas acaba favorecendo o encontro entre pessoas afins, dificultando a comparação das diferenças. Esses circuitos fechados facilitam a disseminação de informações e notícias falsas, fomentando o preconceito e o ódio. É preciso reconhecer que os fanatismos que levam à destruição de outrem também têm como protagonistas religiosos, não excluindo os cristãos, que podem participar de redes de violência verbal por meio da internet e das diversas áreas ou espaços de troca digital. Mesmo na mídia católica, os limites podem ser ultrapassados, a difamação e a calúnia são toleradas, e toda ética e respeito ao bom nome dos outros parecem ser excluídos. Ao fazê-lo, que contribuição se dá à fraternidade que o Pai comum nos propõe?* (FT 45b-46).

E ainda: *A verdadeira sabedoria pressupõe um encontro com a realidade. Mas hoje tudo pode ser produzido, escondido, modificado. Isso faz com que o encontro direto com os limites da realidade se torne insuportável. Consequentemente, implementa-se um mecanismo de 'seleção' e cria-se o hábito de separar imediatamente o que gosto do que não gosto, o que atrai do desagradável. Com a mesma lógica escolhemos as pessoas com quem decidimos dividir o mundo. Assim, as pessoas ou situações*



que feriram a nossa sensibilidade ou não nos são bem-vindas hoje são simplesmente eliminadas em redes virtuais, formando um círculo virtual que nos isola do mundo em que vivemos (FT 47).

E nós? Qual é a qualidade de nossas palavras? Elas dão vida ou morte? Ouvindo a voz do Espírito Santo Defensor, vemos em cada pessoa um filho de Deus criado à sua imagem e semelhança, chamado a fazer o bem? Ou preferimos ficar do lado do «acusador de nossos irmãos, que os acusa dia e noite diante do nosso Deus» (cf. Ap 12,10)? Sim, a voz da tentação está sempre tentando nos dividir, nos separar.

São Pedro recorda-nos que «o amor cobre uma multidão de pecados» (1Pd 4, 8), citando assim o livro dos Provérbios, que gostaria de retomar no seu contexto: «A boca do justo é fonte de vida, mas a dos ímpios esconde a violência. O ódio causa brigas, mas o amor esconde todas as faltas» (Pv 10,11-12). Quando não amamos alguém, preferimos apontar seus erros, seus pecados, suas faltas, mas quando amamos, sabemos, como Deus que nos criou com amor, que essa pessoa no fundo é tão boa quanto «a pomba escondida na cavidade da rocha» (Ct 2,14). Quem não ama (no sentido não de ódio, mas de ausência de amor) vê apenas uma pedra, mas quem ama vê o diamante escondido nessa pedra. Em outras palavras: minhas palavras refletem meu coração, como Jesus nos lembrou: «O homem bom tira o bem do bom tesouro do seu coração, e o homem mau tira o mal do mau tesouro; porque a boca fala do que está cheio o coração» (Lc 6,45). Quando falo, quando mando uma mensagem, penso que estou falando de outra pessoa, ou de um grupo de pessoas, mas na verdade estou falando de mim. Se vivo no ódio, na desconfiança, será mais fácil para mim criticar não só os atos, mesmo os melhores, interpretando-os como maus, mas também as pessoas criadas à imagem de Deus e por Ele amadas. Quando critico uma ou mais pessoas próximas ou distantes, testemunho que não as considero como



irmãos ou irmãs, mas apenas como 'o outro' de quem desconfio e mantenho distância de mim. «Não julgueis e não sereis julgados, não condeneis e não sereis condenados» (Mt 7,1). Mas criticar uma obra é, antes de tudo, criticar seu autor. Desprezar uma criança é fazer seus pais sofrerem. Quando falamos mal de nossos irmãos e irmãs, é antes de tudo Deus que criticamos e fazemos sofrer.

O grande desentendimento entre a Igreja e o mundo nasce do fato de que Deus, em sua Palavra, nos ensina a discernir em nossas ações o que é bom ou não para nós, para nossa alma e para a de nossos irmãos e irmãs, enquanto o mundo julga não atos, mas pessoas, como 'culpados' ou 'inocentes', até mesmo os inocentes. Os bons e os maus.

Se a alguém que não conhece ou não entende o Evangelho é dito: «O que você faz não é bom» (subentendendo: para você que é bom, faz mal agir assim), muitas vezes ele entende: «você faz algo ruim, portanto você é mal» então ele se rebela. Daí tantos mal-entendidos quando a Igreja adverte contra certos comportamentos prejudiciais às pessoas. Para isso, devemos sempre começar testemunhando o amor e a ternura de Deus por todos os seus filhos, antes de recordar as regras e proibições ditadas para o nosso bem por um Pai cheio de amor e não por um Juiz implacável, que espera que caiamos, para lançar-nos no fogo eterno. Isso não significa que não devemos alertar contra o mal, mas que devemos sempre fazê-lo com amor e boa vontade para com as pessoas.

Nós, filhos de Deus, filhos e filhas de São Francisco e Santa Clara, somos realmente os pacificadores que Deus espera de nós? Ou estamos alimentando o fogo de guerras reais? O Papa Francisco nos adverte dizendo: *As manifestações de ódio e destruição no mundo virtual não constituem - como alguns pretendem nos fazer crer - uma louvável forma de ajuda mútua, mas associações reais e*



próprias contra um inimigo (FT 43). Atualmente muitas pessoas, vítimas de acusações injustas nas redes sociais, infelizmente acabam por se suicidar, porque a sua existência está podre aos olhos dos outros, devido a um ódio que não compreendem e que já não suportam.

O silêncio ao qual a Mãe Santa Clara nos convidou em sua Regra é um silêncio de amor, que nos ajuda a amadurecer em nós palavras bonitas, palavras de amor, de bênção, que semeiam a vida e não a morte. Porque Deus, criando-nos à sua imagem, deu imenso peso às nossas palavras, e isso pode verificar-se na influência positiva ou negativa das palavras ditas a uma criança pelos seus pais: palavras de encorajamento que ajudam a melhorar, ou insultos que o prendem em seus erros levando-o a convencer-se de que ele não vale nada.

Ser família para ir mais longe

Aqui está um belo segredo para sonhar e fazer da nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente [...]. Precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos ajude e na qual nos ajudemos a olhar para frente. Como é importante sonharmos juntos! [...] Sozinho você corre o risco de ter miragens, então você vê o que não existe; os sonhos constroem-se juntos (FT 8).

Essa reflexão do Papa Francisco é muito importante: muitas vezes preferimos sonhar sozinhos, porque ninguém se opõe ao nosso sonho, ele começa e termina como eu quero. Mas esse sonho, mesmo que eu insista em colocá-lo em prática, corre o risco de permanecer assim; por outro lado, mesmo que muitas vezes a concretude seja diferente do que eu sonhava fazer sozinho, os sonhos que aceito compartilhar podem ser vividos e realizados juntos, enriquecidos pelas opiniões e ideias dos outros. Tomar posse do 'próprio sonho' é o que também o Pai São Francisco e a Mãe Santa Clara tiveram que fazer, para que o sonho de Deus para eles e para seus irmãos e irmãs se



realizasse e durasse até hoje. Eles compartilharam seu sonho com a Igreja e a comunidade e, sabendo o que era essencial e 'inegociável' neste sonho inspirado por Deus, eles o viveram em comunhão com os outros.

No capítulo *Sonhos desfeitos*, o Papa recorda quantas construções voltadas para a unidade entre os povos, como a União Européia, parecem fracassar, porque reaparecem conflitos agressivos e interesses particulares, especialmente econômicos, mais fortes que a ajuda mútua e a solidariedade. Para isso, diz-nos que: *Cada geração deve fazer suas as lutas e conquistas das gerações passadas e levá-las a patamares ainda maiores. Este é o caminho. O bem, assim como o amor, a justiça e a solidariedade não podem ser alcançados de uma vez por todas; eles têm que ser conquistados todos os dias* (FT 11).

Quando vemos os esforços que nossas irmãs mais velhas fizeram para unir comunidades de diferentes sensibilidades, formações e culturas, para trabalhar juntas nas Federações para o bem de todos, não devemos considerar essas etapas como adquiridas de uma vez por todas ou como história passada, porque este é apenas o começo. Devemos nos apropriar dos textos recebidos, que fundamentam nossa unidade como Federação e compreender até que ponto a Igreja atualmente nos convida a nos aproximarmos para o bem, para nos encorajar a caminhar para o melhor.

Quando penso, por exemplo, na nossa Federação *Solofa Kamuti* das Clarissas da África francófona, na nossa revista ou nos encontros de formação conjunta, lançados como um desafio incrível nas distâncias de milhares de quilômetros que separam, por exemplo, Madagascar e Costa do Marfim, digo a mim mesma que este legado é deixado para cada uma de nós hoje, um símbolo dos laços entre nossos mosteiros na África e também na Europa. Não devemos pensar que 'coisas da Federação ou da Ordem' dizem respeito apenas às abadessas que participam das reuniões, mas cada uma de nós está envolvida. Enquanto rezo por



cada uma das minhas irmãs da comunidade, sinto-me chamada a rezar também por cada um dos mosteiros da nossa Federação, por toda a nossa Ordem.

O fechamento de alguns mosteiros, mesmo distantes, o sofrimento das minhas irmãs idosas que agora só têm de saber para onde ir, tocam-me no mais íntimo de mim? Ou fico fora do que eles estão vivendo, limitando-me a julgar dizendo: 'fizeram isso ou aquilo que não atraiu ou rejeitou vocações'? Estou fazendo de tudo para me manter longe daqueles que agora vivem em asilos? A autonomia jurídica dos nossos Mosteiros é muito positiva para a vida de cada comunidade, para a tomada de decisões rápidas e oportunas, com um melhor conhecimento de cada pessoa, mas não nos deve tornar indiferentes umas as outras, buscando apenas das comunidades ou Federações 'sobreviver', ou ficar acima das outras.

Vemos com a *Cor Orans* que, mesmo concretamente, o futuro de um mosteiro de uma Federação diz respeito a todas as irmãs, porque em caso de dificuldade, cada comunidade pode ser chamada a enviar irmãs para dar uma mão; em caso de fechamento ou necessidade, podemos ser chamadas para acolher uma ou mais irmãs de outro lugar.

Várias irmãs deixaram seu continente de origem para responder ao chamado de mosteiros muito distantes, que pediram ajuda às irmãs, demonstrando assim a fraternidade além das distâncias, em espírito de fé e doação. Isso nos leva à admiração e ao agradecimento pela generosidade dessas irmãs e de suas comunidades, assim como pela humildade e simplicidade das irmãs que pedem ajuda.

Conclusão

Que grande dom é a fraternidade! Obrigado Senhor pelo dom de cada um de nossos irmãos e irmãs!

Agradeço-vos por terem escutado, creio com amor fraterno e benevolência, estas reflexões e meditações



inspiradas em mim pela Encíclica *Fratelli tutti* do Papa Francisco. Juntos, como família, podemos enfrentar os problemas e obstáculos em nossas vidas, em nossas comunidades, em nossas federações. Porque se formos honestos conosco mesmos e abertos ao Espírito Santo, reconheceremos que o pecado está em nossos corações e que todos precisamos da grande misericórdia de Deus e da ajuda de nossos irmãos e irmãs, para sair e ir mais longe, juntos e em fraternidade.

Gostaria de concluir com as palavras de nossa Mãe Santa Clara que, além das distâncias e das fronteiras humanas, dirigiu-se com tanto amor à sua irmã Santa Inês de Praga, gostaria de dizer sua 'própria irmã', não irmã de sangue, mas irmã e filha da alma, no caminho traçado por Deus para a nossa família religiosa: “Adeus, querida irmã e Senhora, adeus no Senhor teu esposo; não se esqueça de recomendar ao Senhor, em suas orações fervorosas, eu e minhas irmãs, que estamos tão felizes por todo o bem que o Senhor, por sua graça, opera em ti. Recomende-nos também às orações de suas irmãs. Adeus!” (2LAg 24-25).

*Ir. Marie de Jésus Lorent, osc
Mosteiro Notre-Dame des Anges, Libreville, Gabão*



60 anos de *Forma Sororum*

Corria o ano de 1962: as recém-nascidas federações das Clarissas italianas lançavam a primeira pedra da colaboração interfederal com a 1ª Conferência Nacional das Presidentes. Entre as diversas iniciativas, foi aprovada por unanimidade a proposta de publicar uma revista própria para as Clarissas. No entanto, será necessário aguardar o ano seguinte para ter o “proto-número”, quando m. Chiara Cristina Vercellotti, presidente da federação da Úmbria, decide responder às comunidades que esperam com uma versão mais elaborada e ampliada da circular que ela costumava enviar aos mosteiros italianos há algum tempo: traz a data de 12 de agosto de 1963, solenidade da mãe Santa Clara, e o título *Forma sororum*. O entusiasmo com que foi recebido levou à transformação da circular, composta por 12 folhas simples, num verdadeiro arquivo impresso na tipografia. Em janeiro-fevereiro de 1964, foi publicado o número 1 do ano I da *Forma sororum. Revista das Clarissas da Itália*.

Ao lado de m. Cristina, colaboradora da primeira hora é a noviça Ir. Chiara Augusta Lainati, do Protomosteiro de Assis, que assumirá o cargo de Presidente no final do seu mandato, no início dos anos 1970. Com ela *Forma sororum* passará de um lugar de conhecimento, debate e comparação entre mosteiros, na Itália e no mundo, a uma ferramenta válida de formação, sem descuidar dos aspectos anteriores. Frades e irmãs colaboram ativamente no preenchimento das páginas de cada número, colocando à disposição suas habilidades. O interesse pela revista se estenderá com o tempo aos leigos, que se tornarão cada vez mais leitores e colaboradores.

Em 1979, a redação-administração de *Forma sororum* segue Ir. Chiara Augusta em sua transferência para o



mosteiro de S. Maria di Monteluca em S. Erminio di Perugia e, no final da década de 1980, em Città della Pieve. Ir. Chiara Augusta envolve as jovens que ingressam no mosteiro naqueles anos na gestão da revista, segundo as suas possibilidades e competências.

No início dos anos 1990, ela gradualmente passou a responsabilidade para Ir. Maria Manuela Cavrini de Città della Pieve, que ainda está à frente da revista, auxiliada por Ir. Chiara Ester Mattio e outras irmãs que se encarregam de organizar os artigos para publicação, revisão, serviço de assinantes (a revista chega aos 5 continentes), atualização do site (www.clarissecdp.it), etc. O olhar se expande ainda mais, como indica o subtítulo atual, *O olhar de Clara de Assis hoje*, no desejo de caminhar em sintonia com os tempos, devolvendo a Deus e à Igreja o dom recebido, no sulco da espiritualidade cristã, especialmente franciscana-clariana, numa colaboração mais ampla possível para ser instrumento de uma fé que se torna cultura, quotidiano do homem. Comemoramos 60 anos de publicação com um artigo dedicado a uma década diferente em cada edição deste ano, esperando ainda ter muito para contar no futuro, obrigada também a quem nos segue e apoia.

As irmãs da redação de Forma sororum

Notícias do Ofício Pro Monialibus

Federação das Clarissas de Maria Imaculada (USA)

As Irmãs reunidas no Mosteiro de Los Altos Hills do dia 19 a 26 de abril de 2023, vivenciaram sua Assembléia federal eletiva.

Foram eleitas:

Madre Mary Angela, pcc, do Mosteiro de Roswell, Presidente.

Madre Mary Giovanna, do Mosteiro de Belleville (Illinois) e Madre Miriam do Mosteiro de Kokomo (Indiana), Conselheiras.

Convidamos as Federações que celebram suas Assembléias eletivas a enviarem-nos os nomes da irmãs eleitas e dos seus Mosteiros, para podermos publicar na nossa Revista e na *Acta Ordinis*.

◆ ***For your kind attention:***

Payment for the FONDO CLARISSE **only** BY TRANSFER:

◆ ***À votre bienveillante attention:***

Envoyer les **versements de votre contribution aux frais** de FONDO CLARISSE **par VIREMENT BANCAIRE:**

◆ ***Herzlich bitte ich darum,***

Spenden für die FONDO CLARISSE an das Officium Pro Monialibus **nur** über **Banküberweisung** zu tätigen:

◆ ***A vuestra amable atención:***

Os rogamos que enviéis las **aportaciones** para el Fondo de las Clarisas únicamente por **TRANSFERENCIA BANCARIA:**

◆ ***À vossa atenção:***

Favor enviar as **contribuições** para o fundo de solidariedade das Clarissas somente através de **TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA:**

◆ ***Alla vostra cortese attenzione:***

Inviare i **contributi** per il FONDO CLARISSE solo con **BONIFICO BANCARIO:**

Banca:	Banca Popolare di Sondrio Sede di Roma Viale Cesare Pavese, 336 - Roma
IBAN:	IT53E0569603211000004794X45
Intestazione:	Casa Generalizia ordine Frati Minori
BIC-SWIFT:	POSOIT22
Indirizzo del Beneficiario:	Via Santa Maria Mediatrice, 25 00165 Roma - Italia
CAUSALE	(Fondo Clarisse – Voce FFI)

OFM

ORDO FRATRUM MINORUM

Comunhão e Comunicação

Número 61 | Junho 2023